

LÍNGUA E VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

UNITAU
digital

MARIA APARECIDA GARCIA LOPES-ROSSI





Maria Aparecida Garcia Lopes-Rossi

Língua e Variação Linguística



Taubaté 2023



EXPEDIENTE EDITORA

edUNITAU

| Diretora-Presidente: Profa. Dra. Nara Lúcia Perondi Fortes

Conselho Editorial

| Pró-reitora de Extensão: Profa. Dra. Leticia Maria Pinto da Costa

| Assessor de Difusão Cultural: Prof. Me. Luzimar Goulart Gouvêa

| Coordenadora do Sistema Integrado de Bibliotecas: Shirlei de Moura Righeti

| Representante da Pró-reitoria de Graduação: Profa. Ma. Silvia Regina Ferreira Pompeo de Araújo

| Representante da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação: Profa Dra. Cristiane A. de Assis Claro

| Área de Biociências: Profa. Dra. Milene Sanches Galhardo

| Área de Exatas: Prof. Dra. Érica Josiane Coelho Gouvêa

| Área de Humanas: Prof. Dr. Mauro Castilho Gonçalves

| Consultora Ad hoc: Profa. Dra. Adriana Leônidas de Oliveira

Equipe Técnica

| NDG – Núcleo de Design Gráfico da Universidade de Taubaté

| Coordenação: Alessandro Squarcini

Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBi/ UNITAU Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI

L864I	Lopes-Rossi, Maria Aparecida Garcia Língua e variação linguística / Maria Aparecida Garcia Lopes-Rossi. – Taubaté : EdUnitau, 2023.
	Formato: PDF Requisitos do sistema: Adobe Modo de acesso: world wide web
	ISBN: 978-65-86914-60-3 (on-line)
	1. Variação linguística. 2. Português do Brasil. 3. Padronização. I. Título.
	CDD – 418

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Ana Beatriz Ramos – CRB-8/6318

Índice para Catálogo sistemático

Linguística – 418

Português do Brasil – 469

Padronização – 418

Copyright © by Editora da UNITAU, 2023

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.



Reitora Profa. Dra. Nara Lucia Perondi Fortes
Vice-reitor Prof. Dr. Luiz Carlos Maciel
Pró-reitor de Administração Prof. Dr. Renato Rocha
Pró-reitor de Economia e Finanças Prof. Dr. Antonio Ricardo Mendrot
Pró-reitora Estudantil Profa. Dra. Alexandra Magna Rodrigues
Pró-reitora de Extensão Profa. Dra. Leticia Maria P. da Costa
Pró-reitora de Graduação Profa. Dra. Máyra Cecilia Dellú
Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação Profa. Dra. Monica Franchi Carniello
Comissão de Gestão Compartilhada EaD Unitau Esp. Helen Francis Silva
Me. José Maria da Silva Junior
Dra. Márcia Regina de Oliveira

Revisão ortográfica-textual Prof. Me. João de Oliveira
Profa. Ma. Isabel Rosângela dos Santos Amaral
Designer Instrucional Andressa Ferreira Moreira
Direção de arte Unitau Digital
Projeto Gráfico/ Diagramação Danilo César Monteiro
Tiago Ferreira Vieira

Autor Maria Aparecida Garcia Lopes-Rossi

Unitau-Reitoria Rua Quatro de Março,432, Centro
Taubaté – São Paulo. CEP:12.020-270
Central de Atendimento:0800557255

Polo Taubaté – Sede Rua Conselheiro Moreira de Barros, 203 - Centro
Taubaté – São Paulo. CEP:12.010-080 Telefones:
Coordenação Geral: (12) 3621-1530
Secretaria: (12) 3622-6050

Sumário

Recursos de Imersão:.....	6
Unidade I.....	8
Varição linguística: conceitos fundamentais	8
Introdução.....	9
1.1 A variação linguística situada no conceito de língua.....	10
1.2 A variação linguística na perspectiva da Sociolinguística	14
1.3 O preconceito linguístico.....	20
1.4 Síntese da Unidade.....	23
1.5 Para saber mais.....	24
Unidade II - A norma padrão e a variação linguística no português brasileiro atual.....	26
Introdução.....	27
2.1 A relação entre variantes linguísticas e norma padrão.....	28
2.2 O que é a norma padrão.....	30
2.3 A variação linguística como um fato natural da língua	35
2.4 Síntese da Unidade.....	44
2.5 Para saber mais.....	45
Unidade III - Mudanças linguísticas no português brasileiro.....	47
Introdução.....	48
3.1 O português do Brasil, como todas as línguas, passa por mudanças diacrônicas	49
3.2 O que pode mudar nas línguas.....	55
3.3 Exemplos de mudanças no português brasileiro.....	56
3.4 Síntese da Unidade.....	63
3.5 Para saber mais.....	64
Unidade IV - A variação linguística no ensino de Língua Portuguesa	66
Introdução.....	67
4.1 A polêmica sobre o ensino de gramática.....	68
4.2 Gramática: história, epistemologia e ensino.....	71
4.3 Algumas sugestões de exercícios	74
4.4 Síntese da Unidade.....	78
4.5 Para saber mais.....	79

Recursos de Imersão:



Explorando ideias



Eu indico



Pensando juntos



Pímulas de conhecimento



Podcast



QRCode

Língua e variação linguística





Unidade I

Variação linguística: conceitos fundamentais

O objetivo desta Unidade é apresentar o fenômeno da variação linguística, com seus principais conceitos e suas principais características. A perspectiva teórica é a da Sociolinguística Quantitativa, também conhecida como Teoria da Variação e da Mudança Linguísticas ou Sociolinguística Variacionista. A compreensão desse fenômeno é muito importante para todas as práticas de linguagem das aulas de Língua Portuguesa (oralidade, leitura, escrita, análise linguística). Com subsídios teóricos, o/a professor/a poderá elaborar atividades que contribuam para o desenvolvimento de competências propostas pela Base Nacional Comum Curricular, BNCC (BRASIL, 2018).



Introdução

Esta Unidade apresenta os principais subsídios teóricos a respeito do fenômeno da variação linguística. Situa-o em uma concepção sócio-histórica de língua e explica porque a variação linguística ocorre em todos os níveis de organização da língua e atinge todos os seus falantes.

Na sequência, explicita e exemplifica os dois grupos de fatores que determinam as variações linguísticas: fatores externos à língua (extralinguísticos, sociais) e fatores internos à língua com alguma relação com o elemento linguístico em variação (fatores linguísticos, dependentes da estrutura interna da língua). Apresenta os conceitos de dialeto, registro e idioleto.

Bons estudos!

1.1 A variação linguística situada no conceito de língua

O tema principal desta disciplina é a “variação linguística”, que precisa ser situada no conceito de “língua” para entendermos a sua dimensão. Inicialmente, é importante saber que:

- As pessoas falantes de uma determinada língua não falam da mesma maneira, em todas as situações.
- Uma mesma pessoa (um falante) usa variedades/variantes diferentes da língua, em diferentes situações.
- Grupos de pessoas com determinadas características em comum usam variedades diferentes da língua.
- A língua é viva, dinâmica. Apresenta muitas possibilidades de as pessoas se expressarem. As gírias também fazem parte da variação linguística.
- Um mesmo aspecto linguístico pode se realizar de várias formas diferentes. Isso é o que se denomina “variação linguística” ou “heterogeneidade dialetal”.
- A variação linguística ocorre por causa de inúmeros fatores geográficos, sociais, culturais e históricos (fatores extralinguísticos). As variações, às vezes, provocam mudanças na língua ao longo das décadas e dos séculos. A Língua Portuguesa atual não é igual à Língua Portuguesa do século XIX, por exemplo, ou de outros tempos passados.
- Alguns fatores internos à estrutura da língua (fatores linguísticos) também podem favorecer algumas variações.
- Todas as línguas – e não apenas o Português – apresentam variação linguística.

Vamos detalhar as características da variação linguística nas Unidades desta disciplina. Iniciamos lembrando que várias concepções de “língua” foram desenvolvidas pelos estudos linguísticos, ao longo do século XX. Para o ensino de Língua Portuguesa, duas interessam mais especificamente e já foram abordadas em outras disciplinas deste Curso de Letras.

A primeira, já considerada limitada e insuficiente para descrever o fenômeno da linguagem humana, concebia a língua como um código, uma estrutura, ou um sistema de sinais autônomo, um instrumento de comunicação totalmente transparente, sem história e fora da realidade social dos falantes, como explica Marcuschi (2008). Nessa perspectiva estruturalista,



os elementos desse sistema são os fonemas (os sons da língua), os morfemas (unidades significantes, que formam as palavras) e a estrutura sintática das frases (sequências finitas de morfemas combinadas e organizadas de acordo com certas regras da gramática da língua). Sobrepõe-se a esses dois últimos, que constituem a gramática da língua, o nível semântico (sentido das palavras e frases).

Nessa abordagem, portanto, considerava-se apenas a materialidade linguística, no nível máximo da frase, ou seja, o sistema (o nível) linguístico (ILARI, 2004) de uma variedade da língua muito próxima à escrita. Não se considerava que a língua pudesse apresentar variação; considerava-se que havia um único sistema linguístico invariável. O ensino de Língua Portuguesa baseado nessa concepção foi praticado por longo tempo e priorizava o estudo da estrutura gramatical dessa variedade de língua eleita como a única possível, fora do contexto histórico-social no qual a linguagem humana se realiza. Portanto, também não se considerava que os alunos pudessem usar variedades da Língua Portuguesa diferentes daquela variedade padrão que a escola ensinava (baseada na escrita formal). Tudo que estivesse fora dessa variedade era considerado “português errado”. Ao longo do tempo, ficou claro que a língua era muito mais do que apenas a dimensão linguística da variedade padrão da língua.

A partir dos anos 1960, 1970, os estudos linguísticos ampliaram muito o seu escopo. Várias áreas se desenvolveram para além dos níveis estruturais (sistêmicos) da língua, e os estudiosos da linguagem começaram a buscar entender outras dimensões da língua, no nível extralinguístico, que envolvem fatores sociais, comunicativos, interativos, cognitivos e sócio-históricos da língua/linguagem verbal humana. O estudo da língua nesse nível ampliado vai muito além de frases isoladas. Tem de considerar o todo da comunicação, ou seja, o enunciado completo (toda a produção de linguagem realizada em uma determinada situação, por um determinado sujeito). Não cabe aqui distinguir detalhes das diversas teorias, mas nos interessa destacar que uma concepção mais abrangente de língua é a indicada para fundamentar as práticas didáticas de leitura, oralidade, escrita e análise linguística.

A figura 1, já apresentada em outras disciplinas, é reproduzida novamente a seguir e relacionada à definição de língua apresentada por Marcuschi (1996), que contempla muito bem os níveis linguístico e extralinguístico da língua/linguagem humana. Atente para as palavras em vermelho, destacadas na definição, que remetem ao fenômeno da variação linguística.

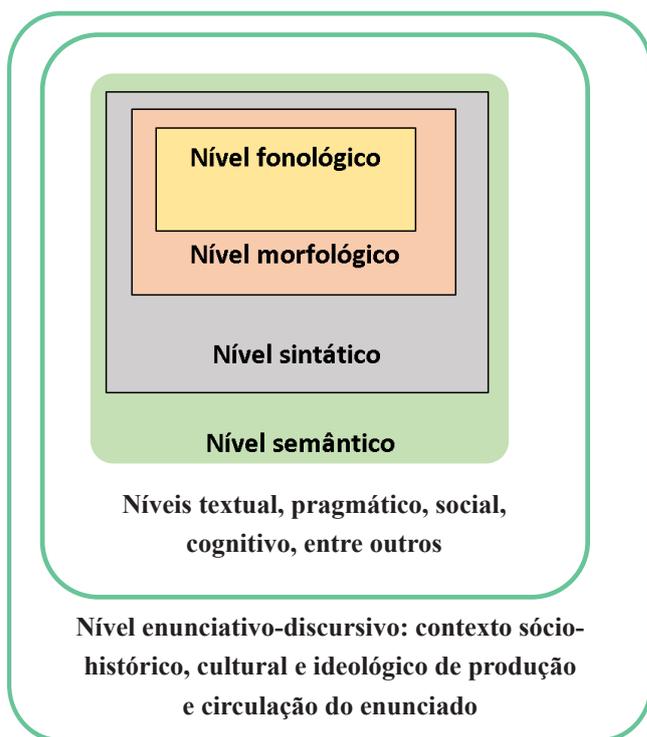


Figura 1. Língua como fenômeno sócio-histórico
 Fonte: Lopes-Rossi (2022)

A língua não é sequer uma estrutura; ela é estruturada simultaneamente em vários planos, tais como o fonológico, o sintático, o semântico e o cognitivo, que se organizam no processo de enunciação. A língua é um fenômeno cultural, histórico, social e cognitivo que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes: ela se manifesta no seu funcionamento e é sensível ao contexto.

(MARCUSCHI, 1996, p. 71-72)

Língua, portanto, é um fenômeno sócio-histórico complexo e os inúmeros aspectos de sua dimensão linguística e extralinguística interagem na realização concreta e dialógica da comunicação discursiva.

Onde se insere a variação linguística nesse conceito de língua?

A variação linguística ocorre em todos os níveis e, no uso real da língua, não dá para separar esses níveis. Existe possibilidade de variação linguística na modalidade escrita da língua, mas é na língua falada, nas situações diversas de comunicação, que as variedades linguísticas mais se manifestam. Todos esses níveis de organização da língua se mesclam e apresentam inúmeras possibilidades de formas linguísticas variadas porque:

- As palavras são formadas por fonemas e morfemas; trazem um significado básico; organizam-se em frases, que se realizam em um enunciado concreto, no todo de uma comunicação discursiva, inserida em um contexto sócio-histórico.
- Nesse todo da comunicação, muitos outros sentidos além dos básicos das palavras se manifestam no enunciado, pela interação dialógica entre o enunciador (quem produz o enunciado) e seu coenunciador (quem o ouve ou lê).
- Há possibilidades de formas linguísticas variadas nos sons da língua (sotaques), nos morfemas flexionais (concordância verbal e nominal), nas estruturas sintáticas, nas escolhas de palavras e expressões, nas formas dos enunciados.
- Do ponto de vista da variação linguística, o enunciador é um sujeito de determinada idade, escolaridade, grupo social e profissional, região geográfica, entre outras características que se mesclam. Todos esses fatores imprimem um sotaque, um jeito específico de falar (ou escrever) que caracteriza a variante linguística da pessoa para aquele momento de comunicação. Um mesmo falante varia seu modo de falar de acordo com diferentes situações.
- Outras pessoas falantes da mesma língua, mas com características sócio-histórico-culturais diferentes, podem produzir enunciados sobre o mesmo tema, no mesmo momento, porém com características linguísticas diferentes (variadas).
- Uma mesma língua varia também no tempo: o português falado hoje no Brasil não é igual ao falado no século XIX, por exemplo.

A variação é um fenômeno “entranhado” na língua, inseparável das produções de linguagem. No entanto, por desconhecimento das pessoas, é também causa de muito preconceito linguístico. No estudo da língua, precisamos separar alguns elementos a fim de conhecermos melhor seus detalhes e seu funcionamento. É o que faremos para entender o fenômeno da variação linguística e evitar o preconceito linguístico.

Esta disciplina vai destacar a propriedade de a língua variar de acordo com os falantes, nas diferentes situações de uso, e de variar ao longo do tempo, passando por mudanças. A compreensão das principais características desse fenômeno é muito importante em todas as práticas de linguagem (oralidade, leitura, escrita, análise linguística). Tendo em mente os principais conceitos relativos à variação linguística, o/a professor/a poderá elaborar atividades que contribuam para o desenvolvimento da primeira, da quarta e da quinta competência

específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental propostas pela Base Nacional Comum Curricular, BNCC (BRASIL, 2018, p. 87):

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
 4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.
 5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.
- (BRASIL, 2018, p. 87)

1.2 A variação linguística na perspectiva da Sociolinguística

O início dos estudos sobre a língua no contexto social se deu a partir dos anos 1950, 1960, nos Estados Unidos, em uma perspectiva teórica que ficou conhecida como Sociolinguística. Dos pesquisadores dessa área, o que teve mais impacto no ensino de línguas e nas pesquisas sobre o português brasileiro foi William Labov, importante pesquisador da Sociolinguística Quantitativa (assim chamada por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados), também conhecida como Teoria da Variação e da Mudança Linguísticas ou Sociolinguística Variacionista, inaugurada em 1963. Não que ele tenha sido o primeiro Sociolinguista a surgir no cenário da investigação linguística. Podem ser chamados de Sociolinguistas todos aqueles que entendem por língua um veículo de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana. (ALKIMIM, 2001; CAMACHO, 2001; TARALLO, 1985).

Labov foi, no entanto, quem mais veementemente insistiu na relação entre língua e sociedade e na possibilidade de sistematizar a variação existente e própria da língua falada. Com seus estudos, ele derrubou muitos mitos sobre a inferioridade da forma de falar de comunidades pobres, socialmente desprestigiadas, como a comunidade negra de Nova Iorque, falante do black English. A partir do que se conhece graças aos estudos sociolinguísticos, pode-se combater a discriminação social baseada nas formas populares da língua. Hoje já se sabe que a língua falada coloquial e as variantes/os dialetos (variedades de língua)

dos grupos sociais menos prestigiados não são desorganizados, sem gramática, incoerentes ou qualquer coisa negativa desse tipo. São regidos por uma gramática própria, diferente da gramática da língua padrão (variante/dialeto de prestígio, das classes sociais mais altas). Os dialetos populares são organizados e coerentes tanto quanto qualquer outro. Se não conseguimos perceber isso é porque esses falares populares ou de grupos específicos de pessoas ainda não foram suficientemente bem estudados. A tradição de estudos linguísticos tem dado muito mais atenção à língua escrita ou à fala formal, que representa uma variante mais prestigiada da língua. Vamos entender melhor todos esses detalhes.

Que fatores determinam as variações linguísticas?

As variações linguísticas são determinadas por dois grupos de fatores, que agem em conjunto:

- fatores externos à língua (extralinguísticos, sociais)
- fatores internos à língua com alguma relação com o elemento linguístico em variação (fatores linguísticos, dependentes da estrutura interna da língua)

Vejam com mais detalhes esses fatores.

Fatores externos à língua (extralinguísticos, sociais)

Devido a fatores externos, podemos pensar em dois grandes grupos de variação: 1) a variação geográfica (ou diatópica), relacionada ao lugar de origem do falante; 2) a variação social (ou diastrática), relacionada a um conjunto de fatores que caracterizam cada falante individualmente. Os principais desses fatores são explicitados a seguir.

- Região de origem do falante: regiões geográficas diferentes, seja dentro de uma cidade grande, de um estado ou de um país, apresentam sotaques, palavras, expressões específicas que diferenciam as pessoas dessas regiões em relação a pessoas de outras localidades. A variação determinada por esse fator é chamada de variação geográfica ou diatópica. Independentemente das características pessoais dos falantes, a origem geográfica marca muito a fala dos habitantes de uma região (falantes de um certo dialeto regional).
- Região onde mora o falante: mesmo que não tenha nascido em determinada região geográfica, o falante pode “pegar o sotaque” da região, se mora lá há algum tempo.
- Classe social: no Brasil, muitas vezes a classe social está relacionada à escolaridade,

pois pessoas de classe social mais alta têm mais acesso à escola e conseguem completar todos os níveis de escolaridade.

- **Escolaridade:** níveis de escolaridade completos e mais altos favorecem a aquisição de vocabulário mais complexo e amplo; o domínio da gramática de acordo com a norma padrão escrita; maior repertório linguístico para adequação da linguagem às diversas situações sociais. Os filhos de pais com escolaridade mais alta têm oportunidade, desde pequenos, de desenvolver variedades de língua falada mais próximas da norma padrão ensinada nas escolas.

- **Idade:** em qualquer classe social, uma criança não fala igual a um/a adolescente, que não fala igual a uma pessoa mais velha. As pesquisas sociolinguísticas mostram que os jovens são mais inovadores na linguagem falada do que os mais velhos. Criam palavras, expressões, gírias. Muitas dessas criações linguísticas dos jovens deixam de ser usadas depois de um tempo, são substituídas por outras novidades. Algumas, no entanto, permanecem em uso e passam a ser usadas pela população, de modo geral. Atualmente, a TV, a internet e as redes sociais têm contribuído muito para a disseminação das inovações linguísticas. Assim a língua se renova e mostra seu dinamismo. Deve-se lembrar que um fator está relacionado aos outros: a fala de uma pessoa, de qualquer idade, também varia em função de seu grau de escolaridade, de sua região de origem, de seu grupo de interesse, entre outros fatores envolvidos.

- **Sexo:** alguns estudos sociolinguísticos investigaram diferenças entre a forma de falar de homens e mulheres, em alguns contextos. Esse fator parece se mesclar com fatores sociais e culturais, demonstrando, em geral, que as mulheres se mostraram mais conservadoras no modo de falar. Historicamente, as mulheres têm sido educadas para um comportamento mais comportado, recatado. Esse papel social também se reflete na forma de falar. De algumas décadas para cá, estamos vivendo um momento sócio-histórico de reivindicações de mais igualdade, respeito à diversidade e reconhecimento de identidades de gênero além do masculino e feminino. Esse movimento social, ainda que restrito a parcelas da sociedade, provoca variações linguísticas: novas palavras e expressões, propostas de marcação morfológica de gênero neutro, mudanças nos sentidos de palavras e expressões mais antigas.

- **Profissão:** muitos grupos profissionais apresentam um linguajar bastante característico, seja pelos termos técnicos, seja pela forma de abordar as pessoas com quem convivem profissionalmente (clientes, pacientes, alunos, etc).

- **Pertencimento a grupos de pessoas com interesses muito específicos:** pessoas que se identificam e se relacionam, mesmo que de forma virtual, por causa de algum interesse específico – atividade cultural, música, jogos, esportes –, tendem a usar palavras e expressões

que pessoas de fora do grupo não costumam usar e podem até não entender.

- Situação de comunicação formal ou informal; pessoa com quem se está falando: se o falante tem certo nível de escolaridade, certa vivência profissional e social, ficará mais sensível à situação de comunicação e ao modo de falar com a/as pessoa/s com quem está interagindo; procurará uma sintonia melhor com seu interlocutor adequando a sua forma de falar.

- Meio de comunicação específico: WhatsApp, por exemplo, ou outros contextos na internet têm favorecido uma variante de linguagem popularmente chamada de “internetês”.

- Outros fatores são possíveis.

Além desses fatores externos, alguns fatores internos à língua (fonéticos, fonológicos, morfológicos e sintáticos) facilitam as variações, especialmente na língua falada coloquial, nas variantes populares.

Fatores internos à língua com alguma relação com o elemento linguístico em variação (fatores linguísticos, dependentes da estrutura interna da língua)

- Posição do elemento linguístico em variação na palavra ou na frase.
- Aspectos morfológicos, fonéticos, fonológicos e sintáticos que podem facilitar certas formas linguísticas.

Seguem alguns poucos exemplos das muitas possibilidades que a língua portuguesa permite. Passe a observar, e você vai encontrar muitos outros casos. Lembre-se de que os fatores extralinguísticos mencionados anteriormente vão interagir com esses fatores linguísticos. Por exemplo, um falante escolarizado, em uma situação de comunicação formal, provavelmente não vai chamar seus convidados para o jantar dizendo “Vamo comê?”. Esse falante vai dizer: “Vamos comer?”. Em uma situação informal, por exemplo com seus filhos, esse falante pode dizer “Pessoal, vamu comê!”.

Os fatores internos à língua favorecem a variação especialmente quando associados a fatores como situação (registro) informal, ou pouca escolaridade, ou pouca idade.

Alguns exemplos de variação linguística facilitada por fatores internos à língua:

Desnasalização da nasal final das palavras: homem ► home; foram ► foro

Omissão de /r/ e /s/ no finais dos verbos: falar ► fala; comer ► comê; vamos ► vamo; temos ► temo

Redução do ditongo /ou/ para /o/: ouro ► oro; pouco ► poco; couro ► couro

Redução do ditongo /ei/ para /e/: beira ► bera; cheiro ► chero; carreira ► carrera

Anulação da oposição fonológica entre /e/ e /i/ bem como entre /o/ e /u/ em sílaba pretônica ou pós-tônica: sentiu ► sintiu; acostumado ► acustumado; embarcação ► imbarcação; menino ► meninu; ele ► eli.

Frases com o sujeito depois do verbo favorecem a não concordância verbal: Chegou dois homens. Caiu uns papeis no chão.

Certas palavras proparoxítonas favorecem a formação de sequências fônicas mais simples (palavras paroxítonas): árvore ► arvre; cócega ► cosca; abóbora ► abobra; xícara ► xicra; óculos ► óclos

“[...] é natural na escrita monitorada, embora não frequente, a concordância do verbo se dar com o substantivo precedido pela preposição (de marcas, no primeiro caso, por exemplo), que é parte do sujeito, mas não é o núcleo do sujeito:

“A presença de marcas levam a marcas e a presença de zeros levam a zeros”

“Segundo os analistas ambientais do Ibama, a ocupação urbana nas áreas limítrofes da reserva comprometem os efeitos ecossistêmicos positivos do parque que promovem o bem-estar ambiental da população”

“O transporte inadequado de objetos em mudanças nos condomínios podem causar alguns problemas nos elevadores.” (SCHERRE, 2012, p. 11)

O que são dialetos?

Dialetos são variedades/variações da língua típicas de um grupo de pessoas, usadas num ambiente mais restrito.

Resultam de fatores externos à língua (extralinguísticos), já mencionados. Quando usamos o termo “dialeto”, não estamos pensando nas características de fala de uma só pessoa, mas em um grupo de pessoas (grupo de falantes) que, apesar de suas diferenças individuais, podem ser identificados como grupo principalmente por:

1) região (território, ocupação geográfica): no Brasil, podemos falar de dialetos das regiões do país, de estados específicos e até de regiões menores dentro dos estados ou de cidades grandes. No Brasil, não há dialetos regionais que impossibilitem a comunicação, mas algumas palavras ou expressões podem não ser compreendidas ou consideradas estranhas por pessoas de regiões diferentes.

2) classe social

3) grupo social ou profissional

4) idade

5) sexo

6) domínio de uma linguagem escrita típica de algum meio de comunicação específico, por exemplo, WhatsApp, ou algum tipo de “internetês”.

As variantes/variações dialetais podem ter apreciação social diferente. A fala (o dialeto) dos habitantes das regiões mais pobres, por exemplo, tende a ser estigmatizada (desvalorizada, discriminada, ridicularizada), e isso não ocorre apenas no Brasil. É um fenômeno observado em todas as línguas, pois geralmente a classe mais alta, com mais recursos financeiros, moradora de locais mais bem urbanizados e dotados de mais recursos para práticas sociais e culturais, estabelece padrões de vida considerados socialmente melhores. Isso acaba se refletindo nos padrões e nos valores relacionados à língua.

A pior consequência disso tudo: PRECONCEITO LINGUÍSTICO.

O que são registros?

Registros são variedades da língua de um mesmo falante decorrentes de diferentes situações no uso social da língua.

As variações sociolinguísticas de registro mostram que uma mesma pessoa não usa a língua da mesma maneira, em todas as circunstâncias, principalmente por causa de:

1) grau de formalidade, tanto na escrita quanto na fala

2) modo (diferenças entre língua falada e escrita)

3) sintonia do falante com o interlocutor: quem fala avalia o status social do interlocutor, a tecnicidade do assunto e os conhecimentos do interlocutor, as formas de cortesia consideradas apropriadas para a interação, a idade do interlocutor, e modula sua fala da maneira mais adequada à situação de comunicação.

O que é idioleto?

O conjunto dos usos de uma língua próprio de um indivíduo é chamado de idioleto.

Observe que o conjunto de variantes/variações linguísticas que um falante é capaz de produzir, nas diferentes situações de comunicação, depende de fatores extralinguísticos que o caracterizam: escolaridade, classe social, idade, região de procedência e/ou de residência, profissão, etc. Um falante pouco escolarizado, geralmente, dispõe de pouco repertório linguístico para modular sua fala e sua escrita adequadamente em situações mais formais. O idioleto desse falante é mais restrito. Em geral, esse falante sofre preconceito linguístico.

Mesmo dentro de suas características, todo falante nativo de uma língua, a partir de uma certa idade e de algum convívio social, percebe que precisa modular sua fala de acordo com as circunstâncias. Quanto mais escolaridade e vivências social, melhor o falante consegue fazer isso, mais o seu idioleto é amplo e diversificado.

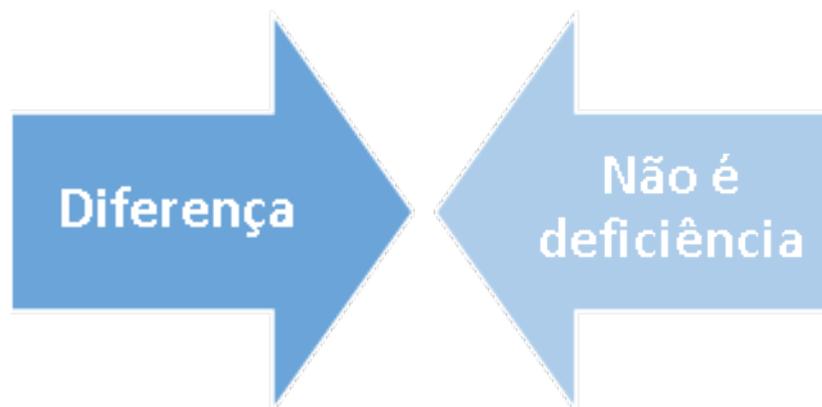
Novamente estamos concluindo algo que já foi mencionado: a variação linguística é um fenômeno “entranhado” na língua, inseparável das produções de linguagem. Os fatores extralinguísticos se mesclam para caracterizar a fala e a escrita das pessoas.

1.3 O preconceito linguístico

Preconceito linguístico é qualquer forma de discriminação social, chacota, “brincadeira”, julgamento, desvalorização de uma pessoa pela forma como ele se comunica, seja oralmente, seja por escrito. Em geral, a linguagem oral é mais sujeita a preconceito linguístico.



Veremos com mais detalhes ao longo desta disciplina que, do ponto de vista linguístico, não há variante/variedade linguística melhor ou pior. Vamos manter sempre em mente que:



O conhecimento linguístico vai nos ajudar a entender e a valorizar a diversidade linguística. Além disso, vamos refletir sobre a importância de a escola contribuir para que os alunos ampliem seu repertório linguístico e possam fazer uso de variantes linguísticas da norma padrão da língua. Esse é um direito da criança desfavorecida socialmente, que tem a escola como a oportunidade de ampliar seus recursos linguísticos para uma participação ativa na sociedade.

É importante lembrar que a BNCC estabelece como um dos eixos/das práticas do ensino de Língua Portuguesa a análise linguística, que deve ocorrer em todas as outras práticas de linguagem (oralidade, leitura e escrita). Isso significa que constantemente professor/a e alunos devem analisar e refletir sobre os processos de produção da linguagem, sobre os recursos linguísticos e não linguísticos que compõem os textos e sobre os efeitos de sentido que as produções de linguagem adquirem nos contextos de uso da língua. Muitos desses efeitos decorrem de aspectos sociolinguísticos.

Sobre a prática de análise linguística das variações que a língua permite, a BNCC destaca a importância de:

- Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos.
 - Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica.
- (BRASIL, 2018, p. 83)

Observe que o combate ao preconceito linguística é uma das preocupações desse documento. Para isso, o/a professor/a precisa ter conhecimento teórico para saber como discutir com os alunos os fatos da língua.

Com o que estudamos nesta Unidade, já temos uma base da fundamentação teórica necessária para esse trabalho. Veremos mais detalhes nas próximas Unidades.

Para ler mais sobre o preconceito linguístico, consulte:

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 1997.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

Essas são as datas da primeira edição dos livros. Eles já tiveram muitas edições, por

isso você pode encontrá-los com outras datas. O livro *Preconceito linguístico* já teve mais de 50 edições.

É possível encontrar PDF desses livros na internet.

1.4 Síntese da Unidade

Nesta Unidade, aprendemos que:

- A língua é viva, dinâmica. Apresenta muitas possibilidades de as pessoas se expressarem sobre um mesmo aspecto linguístico. Isso é o que se denomina “variação linguística”.
- A variação linguística ocorre por causa de inúmeros fatores sociais, culturais e históricos (fatores extralinguísticos) e é facilitada por alguns fatores linguísticos.
- A variação linguística ocorre em todos os níveis: fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático, lexical. Às formas linguísticas em variação se dá o nome de “variantes linguísticas, ou variedades linguísticas, ou variedades dialetais sociais, ou formas linguísticas”.
- As variações, às vezes, provocam mudanças na língua ao longo das décadas e dos séculos. A Língua Portuguesa atual não é igual à Língua Portuguesa do século XIX, por exemplo, ou de outros tempos passados.
- Todos os falantes da língua produzem diferentes variedades linguísticas, dependendo da situação de comunicação.
- Cada uma das variedades da língua produzida por um mesmo falante é denominada “registro”.
- O conjunto dos usos de uma língua próprio de um indivíduo é chamado de idioleto.
- O conjunto de variedades/variantes da língua típicas de pessoas que se identificam como um grupo por causa da região que habitam, da classe social, da profissão, da idade ou outra característica comum é chamado de dialeto.
- As variantes/variações dialetais e idioletais podem ter apreciação social diferente. A fala (o dialeto) dos habitantes das regiões mais pobres e a fala de uma pessoa pouco escolarizada tendem a ser estigmatizadas (desvalorizadas, discriminadas, ridicularizadas). Isso é preconceito linguístico.
- Do ponto de vista linguístico, não há variante/variedade linguística melhor ou pior. Diferença não é deficiência.

• O parâmetro para o julgamento de uma variante/variedade linguística como variante/variedade popular – e muitas vezes considerada pior, menos importante, feia ou qualquer outra apreciação negativa e preconceituosa – é a norma padrão. Essa norma padrão é aquela definida pelas gramáticas tradicionais (normativas).

Na Unidade 2, estudaremos com mais detalhes a relação entre a norma padrão e as variantes populares da língua.

1.5 Para saber mais

Para se aprofundar na fundamentação teórica sobre variação linguística, você pode consultar os textos citados nesta Unidade e outros que a fundamentaram, ainda que não tenham sido citados. As referências completas estão a seguir.

ALKMIM, Tânia. Sociolingüística. Parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC; SEB, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

CAMACHO, Roberto G. A variação linguística. In: SÃO PAULO. **Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1o e 2o graus**: Coletânea de textos, vol. I. São Paulo: SEE-SP/CENP, 1988. p. 29-41.

CAMACHO, Roberto G. Sociolingüística. Parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

MATTOS E SILVA, Rosa V. Alguns aspectos da heterogeneidade dialetal brasileira e sua relação com o ensino do português. In: MATTOS E SILVA, Rosa V. **Contradições no ensino de português: a língua que se fala X a língua que se ensina**. São Paulo: Contexto; Salvador: Editora da UFBA, 1995. p. 52-77.

PRETI, Dino. **Sociolingüística – os níveis da fala**. 7. ed. São Paulo: Edusp, 1994.



SCHERRE, Maria M. P. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. **Tabuleiro da Letras**, n. 4, p. 1-32, junho de 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

TRAVAGLIA, Luiz C. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1o e 2o graus. São Paulo: Cortez, 1997.



Unidade II

A norma padrão e a variação linguística no português brasileiro atual

O objetivo desta Unidade é apresentar o conceito de norma padrão e explicitar como e porque a variação linguística é estabelecida tendo como parâmetro a norma padrão. Serão apresentados exemplos de variação linguística no português brasileiro atual, em seus vários níveis estruturais de organização. Com esses pressupostos, o fenômeno da variação linguística poderá ser melhor observado. Para o/a professor/a de Língua Portuguesa, é importante a observação dos fatos da língua e das variantes populares usadas por seus/suas alunos/as.



Introdução

As variantes/variedades linguísticas são estabelecidas a partir do parâmetro da variante mais formal da língua escrita, associada à norma padrão, também chamada por alguns autores de norma culta. O conceito de norma padrão, portanto, precisa ser compreendido para que o fenômeno da variação linguística possa ser abordado adequadamente no ensino de Língua Portuguesa.

Esta Unidade traz a explicitação desse conceito e, assim, fornece subsídios teóricos importantes para as práticas de linguagem a serem desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa (oralidade, leitura, escrita, análise linguística).

Além do conhecimento conceitual, a Unidade traz exemplos de variação em diferentes níveis de organização da língua, o que contribui para ampliar nosso conhecimento sobre esse tema. Fica evidente que o português brasileiro é rico em diversidade linguística e isso é um campo amplo para a reflexão, em sala de aula, sobre a língua. Essa prática na sala de aula faz parte da chamada “análise linguística” e é o caminho para que o aluno passe a dominar a variante mais formal da língua falada e escrita.

Bons estudos!

2.1 A relação entre variantes linguísticas e norma padrão

As variadas formas que a língua possibilita para a expressão de algum de seus componentes são classificadas em dois grandes grupos:

Norma padrão da língua, ou forma/variante/variedade padrão da língua (chamada por alguns autores de norma culta)

- Baseada na modalidade escrita formal da língua de textos mais antigos, que a gramática tradicional elegeu como um padrão de língua a ser seguido.
- Apresenta alguma variação, mas pouca.
- Conservadora porque é mantida pela escrita de livros, jornais, textos acadêmicos, jurídicos, textos mais formais da internet, entre outros.
- Permite a circulação mais ampla de informações pelas diferentes regiões do país e em épocas diferentes. Esse conservadorismo linguístico tem o grande mérito de permitir a comunicação entre muitos grupos diferentes de pessoas na mesma época e em épocas diferentes.
- De maior prestígio na sociedade.
- Observada na escrita e na fala de pessoas mais escolarizadas, em situações de comunicação mais formal.
- Exigida pela escola, pelos vestibulares, pelos concursos públicos.
- Adequada à modalidade formal da língua, tanto falada quanto escrita.

Normas populares, ou formas/variantes/variedades populares da língua (também chamadas de não-padrão)

- Típicas da língua falada.
- Apresentam muita variação em função dos fatores extralinguísticos e linguísticos mencionados na seção 1.2.
- São inovadoras; permitem a expressão de opiniões, emoções, conflitos, anseios especialmente de falantes mais jovens e ativos no diálogo com as temáticas do momento sócio-histórico.
- Algumas variantes populares deixam de ser usadas com o passar do tempo (caem de moda), outras passam a integrar a fala de um grupo maior de pessoas. As novidades linguísticas vão aparecendo sempre.
- Algumas variantes linguísticas são típicas de pessoas pouco escolarizadas ou oriundas de regiões economicamente mais pobres, por isso são estigmatizadas, ou seja, sofrem preconceito linguístico.
- Algumas variantes populares são próximas à norma padrão, ou apresentam algumas características que as tornam aceitas socialmente, embora não estejam estritamente de acordo com a norma padrão. São usadas por pessoas escolarizadas, na fala, sem sofrer preconceito. São adequadas à modalidade informal da língua, na qual a norma padrão, às vezes, soa muito pedante.

Alguns exemplos:

Fomos ao cinema.

Nós fomos ao cinema.

Vi-o na esquina.

Eu o vi na esquina.

Cinco ovos brancos grandes.

Bom dia! Como estão os senhores?

Bom dia! Como estão vocês?

A gente foi no cinema.

Nós foi no cinema.

Nóis foi no cinema.

A gente fomos no cinema.

Eu vi na esquina.

Eu vi ele na esquina.

Cincu ovos brancus grandi.

Cincu ovu brancu grandi.

Bom dia, pessoal!

Oi, gente!

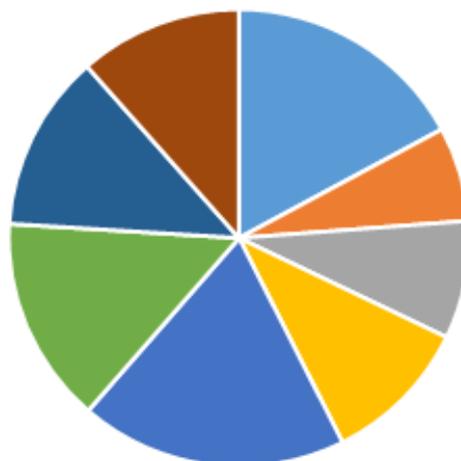
E aí, galera? Beleza?

Por que, para entendermos o conceito de variantes linguísticas, temos que entender também o conceito de norma padrão?

Porque o parâmetro para o julgamento de uma variante/variedade linguística como popular – e muitas vezes considerada pior, menos importante, feia ou qualquer outra apreciação negativa e preconceituosa – é a norma padrão. Essa norma padrão é aquela definida pelas gramáticas tradicionais (normativas).

A língua é um conjunto de variedades/variantes. Vamos esquematizá-la, a título de exemplificação, sem preocupação com porcentagens exatas, assim:

A língua é um conjunto de variantes linguísticas



Apenas uma “fatia” da língua falada corresponde à norma padrão. Não sabemos exatamente que porcentagem de produção de linguagem oral correspondente a isso. Os estudos sociolinguísticos quantitativos são feitos sobre um ou outro aspecto da língua, com grupos de falantes. Parece ser impossível quantificar todos os aspectos da Língua Portuguesa falada, da totalidade dos brasileiros. O país e a sua população são enormes! Os resultados dos estudos já realizados mostram que, na língua falada coloquial, a porcentagem de produção de linguagem de acordo com a norma padrão é menor do que as porcentagens das variantes populares.

2.2 O que é a norma padrão

A norma padrão corresponde à forma de linguagem que segue as regras estabelecidas pela gramática tradicional, também conhecida como gramática normativa ou prescritiva. É a gramática que se encontra em autores brasileiros do século XX como Said Ali, Napoleão Mendes de Almeida, Rocha Lima, Gladstone Chaves de Melo, Domingos Paschoal Cegalla, Evanildo Bechara, Celso Cunha. Posteriormente, outros autores publicaram gramáticas, mas sempre seguindo os conceitos estabelecidos por esses gramáticos mais renomados. Como explica Vieira (2016), esses, por sua vez, seguiram gramáticos europeus que surgiram a partir do século XV, que se basearam em gramáticos medievais, que se basearam em gramáticos latinos, que se basearam em gramáticos alexandrinos (gregos) do século III a.C. ao século II d.C.



Todos esses têm uma concepção de que a única língua que deve ser praticada, que é boa, correta e bonita, é a língua dos clássicos da literatura do passado. A partir daí, estabelece-se a oposição entre o que é considerado “certo” e o que é “errado” na língua. Não há meio-termo, não há reconhecimento de que a língua falada também é legítima, precisa ser estudada e considerada. A gramática tradicional, com suas origens mais remotas nas gramáticas gregas, nunca reconheceu que a língua é um conjunto de variantes (ou variedades) linguísticas.

Por isso, aqueles que não conhecem ou não respeitam essas regras da gramática normativa (a norma padrão) são vistos como quem “fala ou escreve mal, não conhece a Língua Portuguesa”. Como a norma padrão é restrita a uma linguagem formal, oral ou escrita, ela precisa ser aprendida e praticada na escola. Por motivos históricos e sociais que afetam a Educação no Brasil, uma grande parcela da população não chega a dominar o mínimo dessa norma padrão. Esses usuários da língua sofrem clara discriminação linguística e social, até mesmo – e infelizmente – dentro das escolas.

Uma ótima definição de gramática normativa é:

[...] aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta de uma língua, norma essa que se tornou oficial. Baseia-se, em geral, mais nos fatos da língua escrita e dá pouca atenção à variedade oral da norma culta, que é vista, conscientemente ou não, como idêntica à escrita. [...] a gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever [...] considera apenas uma variedade da língua como válida, como sendo a língua verdadeira (TRAVAGLIA, 1996, p. 30-31).

A partir da língua dos escritores considerados clássicos e bons exemplos a serem seguidos, estabelece-se a “norma padrão” ou o “padrão culto da língua”. O termo “norma” pode aparecer com grande número de acepções em diferentes autores. No entanto, naqueles que discutem a questão da gramática escolar e o ensino de Língua Portuguesa, o conceito de norma corresponde aos usos linguísticos de uma determinada camada da população que desfruta uma posição de prestígio, boa escolaridade, a chamada elite social.

No caso do Brasil, essa população tem acesso à escolaridade completa e de qualidade e a bens culturais que lhe permitem não apenas aprender a norma padrão na escola, mas também a assumir uma atitude linguística. Castilho (1988, p.54) comenta que as pessoas dessa faixa social são mais atentas ao que a sociedade espera que digam nas diversas situações e assim “podem graduar melhor sua execução linguística, adequando-a a cada situação”. Sem dúvida, essa atitude linguística depende não apenas do conhecimento de regras da gramática normativa, mas de vocabulário e competência comunicativa ampla, o que facilita o trânsito dessas pessoas

nas diferentes situações sociais. A “língua do povo”, ou a “falar popular”, não corresponde, em grande parte, à norma padrão (ou norma culta).

Alguns autores fazem uma distinção entre “norma padrão” e “norma culta”, sendo:

norma padrão é o conjunto de regras impostas pela gramática normativa, que tende a ser homogênea e consensual, embora possa haver alguma divergência entre os gramáticos.

norma culta é o conjunto das práticas linguísticas e dos modelos de uso encontrados em textos formais, que pode variar de autor para autor e nem sempre encontra respaldo na gramática normativa, embora seja bem aceita entre os falantes escolarizados.

Os estudos sociolinguísticos já demonstram que não existe nenhuma sociedade ou comunidade na qual todos falem da mesma forma. A variação linguística ocorre em todos os níveis: fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático, lexical. Às formas linguísticas em variação se dá o nome de “variantes linguísticas, variedades linguísticas, variedades dialetais sociais, formas linguísticas”. Qualquer um dos termos se refere às diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Um dos grandes méritos do trabalho de Labov foi mostrar que é possível sistematizar essa variação e revelar características de um sistema próprio da língua falada informal, devidamente estruturado, que subjaz ao aparente caos da língua falada (TARALLO, 1985).

Todo o conjunto de variedades da língua (padrão e popular) é objeto de estudo da Linguística e deve ser considerado no ensino da língua.

Para conhecer mais sobre a história da constituição da gramática tradicional, leia:

VIEIRA, Francisco E. Gramatização brasileira contemporânea do português: novos paradigmas? In: FARACO, Carlos A.; VIEIRA, Francisco E. (org.). **Gramáticas brasileiras: com a palavras, os leitores**. São Paulo: Parábola, 2016. p. 19-69.

VIEIRA, Francisco E. **A gramática tradicional: história crítica**. São Paulo: Parábola, 2018.

Assista pelo YouTube uma conferência de Vieira, promovida pela Editora Parábola, com ótima explicação sobre o conteúdo do livro *A gramática tradicional*. Essa conferência está disponível em: <https://youtu.be/TW5CErDiBUg>.

Existe erro para a Sociolinguística?

Só se pode falar em ERRO no caso de produções de linguagem que não correspondem a qualquer dialeto social ou regional da língua, em qualquer situação que seja. Por exemplo: em Português, o artigo vem antes do substantivo. Violar essa regra e dizer:

Meninos os são bonitos.

É erro! Nenhum falante produz essa frase.

Os menino são bonitos.

Os menino são bonito.

Os menino é bonito.

Não é erro. É variação linguística.

É por isso que, da perspectiva sociolinguística, não se deve dizer que alguém “fala errado” ou “fala certo”, como se só existissem duas possibilidades linguísticas. As pessoas falam de forma adequada ou inadequada à situação; falam formas (variantes) populares ou formas padrão (de acordo com a gramática normativa). O falante de classe social baixa provavelmente teve pouca escolaridade, tem acesso a poucas situações em que a variante padrão predomina, não tem acesso à leitura, logo, ele não domina a norma padrão. O que ele conhece da língua é adequado apenas a situações de pouca formalidade. Ele não consegue se adequar a uma situação de fala ou escrita formal porque a vida não lhe ofereceu oportunidades para isso.

A Sociolinguística busca contribuir para uma gramática descritiva da língua.

A **gramática descritiva** não está preocupada em apontar erros ou determinar as melhores formas a serem usadas. Seu objetivo é constatar e descrever o que é possível na língua e em que circunstâncias as formas ocorrem. As variações linguísticas podem ser decorrentes de fatores como: nível de formalidade, grau de escolaridade, nível sócio-econômico, faixa-etária, sexo, região, grupo profissional, entre outros. A gramática descritiva pretende estabelecer, assim, as possibilidades e as diferenças linguísticas, mas não as aprecia como “melhores” ou “piores”. As diferenças linguísticas não são tratadas como deficiência linguística. Para a gramática descritiva, todas as formas da língua, independentemente do status social de seus falantes, têm o mesmo valor.

Nesse sentido, o ensino da Língua Portuguesa na escola tem, antes de tudo, uma função social: que é proporcionar a todos os alunos condições para que atinjam o domínio da norma padrão e possam disputar um espaço na sociedade (trabalho, concursos, vestibulares, situações sociais mais formais). Ter domínio da norma padrão não significa que o falante não vai usar variantes populares; significa que talvez deixe de usar as mais estigmatizadas socialmente. Todo falante, por mais escolarizado que seja, usa variantes populares. Ter o domínio da norma padrão significa que o falante compreende a dinâmica social da língua, tem um repertório linguístico maior e sabe adequá-lo às diversas situações de comunicação.

Com os estudos sociolinguísticos, ficou claro que diferença não é deficiência. Compreender isso é fundamental para o ensino da língua materna. Dois textos introdutórios, porém bem detalhados sobre sociolinguística são os de Alkmim (2001) e Camacho (2001).

Para ler os textos completos e saber mais sobre o tema, consulte:

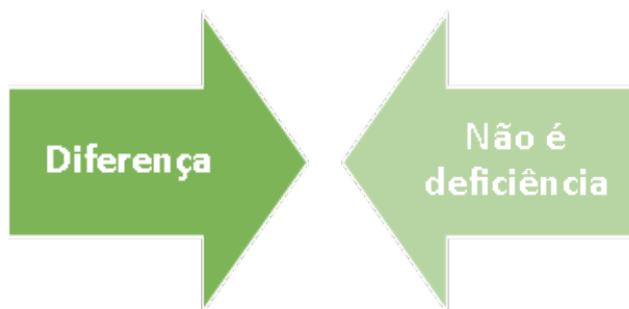
ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.

CAMACHO, Roberto G. Sociolinguística. Parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 49-75.

2.3 A variação linguística como um fato natural da língua

Já estudamos que a língua é viva e dinâmica. Apresenta muitas possibilidades de as pessoas se expressarem sobre um mesmo aspecto linguístico. Isso é o que se denomina “variação linguística”. Cada possibilidade de variação para um aspecto linguístico é chamada de variante ou variedade.

Também estudamos, na Unidade 1, que uma dessas variantes é a eleita pela gramática tradicional (normativa) como a mais adequada para a língua escrita ou para a língua falada formal. Essa é chamada de norma padrão. As demais variantes são consideradas populares. Algumas delas são bem aceitas socialmente e usadas por pessoas escolarizadas. Outras, são desvalorizadas, estigmatizadas socialmente. Os falantes dessas variantes estigmatizadas sofrem preconceito linguístico. No entanto, do ponto de vista linguístico, não há variante melhor ou pior.



Muitas pesquisas sociolinguísticas sobre o português do Brasil já foram feitas nas últimas décadas. Podemos aprender muito com elas.

Antes dos estudos sociolinguísticos, era comum os linguistas e professores pensarem que a fala coloquial, em todas as suas variantes, era desorganizada, sem gramática, incoerente. As pesquisas realizadas nas últimas décadas mostraram que isso não é verdade. A língua falada coloquial, em cada uma de suas variantes, é organizada de acordo com uma gramática própria e é perfeitamente coerente.

Por isso, é importante sempre prestarmos atenção nas variantes linguísticas usadas pelos alunos, nas possibilidades da língua em comparação com a norma padrão. Cada professor de Língua Portuguesa deve ser também um pesquisador das variantes linguísticas utilizadas por seus alunos para, sem preconceito, poder conversar com eles sobre esse fenômeno e realizar com eles uma análise linguística daquela comunidade de fala. Por fim, comparar as variantes populares com a norma padrão e discutir as situações de uso adequado de cada forma é uma estratégia interessante para ampliar o repertório linguístico dos alunos.

Vamos conhecer um pouco mais de variação no português brasileiro.

Variações fonéticas, fonológicas e prosódicas

Toda variação na pronúncia das palavras, na entonação e no ritmo das frases da língua falada é variação no nível fonético, fonológico e prosódico. Há diferença entre fonética e fonologia, mas neste momento não precisamos entrar em conceitos mais detalhados sobre isso. Importa reconhecer que essa variação é a que normalmente chamamos de sotaque e decorre do fator geográfico.

Podemos perceber, pelo sotaque, que uma pessoa não é da mesma região que a nossa. A diferença entre o sotaque do Brasil e de Portugal é muito evidente para nós. Mas também temos muitos sotaques no nosso país. O Brasil é muito grande e há muitas diferenças nas pronúncias das palavras e na prosódia. Dentro de um mesmo estado, é possível haver variações na pronúncia de certos sons.

Exemplo:

- Pronúncia do /r/ no final de sílabas, como em: porta; carne; falar. É bastante conhecida a diferença de pronúncia desse som entre cariocas, paulistanos (da cidade de São Paulo) e paulistas (do interior do estado de São Paulo). Mesmo no interior do estado de São Paulo, há diferentes sotaques para esse /r/, também chamado de “erre caipira”. Em outras regiões do Brasil, o /r/ no final de sílaba também apresenta pronúncias variadas. Observe como ele é produzido na sua região.

- Entonação das frases na fala de algumas regiões soa como uma “fala cantada” para pessoas de outras regiões. São diferenças de prosódia.

Já sabemos que discriminar a fala das pessoas por seu sotaque é preconceito linguístico. Nenhum sotaque é melhor, superior ou mais bonito do que o outro. Todas essas apreciações são por critérios sociais, mas não por critérios linguísticos.

Também já vimos na Unidade 1 que alguns fatores internos à língua favorecem a variação especialmente quando associados a fatores como situação (registro) informal, ou pouca escolaridade, ou pouca idade.

Mais alguns exemplos de variação linguística facilitada por fatores internos à língua:

- Desnasalização da nasal final das palavras (em sílaba átona): garagem ► garage;

linguagem ► language;

- Omissão de /r/ e /s/ no finais dos verbos: cantar ► cantá; beber ► bebê; damos ► damo; vemos ► vemo
- Redução do ditongo /ou/ para /o/: ficou ► ficô; doutor ► dotor; acabou ► acabô; outros ► otros
- Redução do ditongo /ei/ para /e/: cadeira ► cadera; barreira ► barrera; deixar ► dexar
- Anulação da oposição fonológica entre /e/ e /i/ bem como entre /o/ e /u/ em sílaba pretônica ou pós-tônica: mentiu ► mintiu; ensino ► insinu
- Certas palavras proparoxítonas favorecem a formação de sequências fônicas mais simples (palavras paroxítonas): brócolis ► bróclis; ► triângulo ► triânglo

O/A professor/a de Língua Portuguesa precisa se lembrar de que essas variações na língua falada terão reflexos na ortografia. É muito natural que o aluno escreva como ele fala e ouve tantos outros adultos falando. Essa dificuldade de ortografia precisa ser compreendida no contexto da variação linguística, comparando com os alunos a língua falada coloquial e a escrita padrão. A análise linguística baseada em como se fala e como se escreve cabe bem nesses casos.

Variações morfológicas

No nível morfológico da língua, as mais frequentes variações ocorrem na concordância verbal e na concordância nominal. Algumas variações são mais estigmatizadas que outras, mas mesmo falantes escolarizados usam alguma variação popular na fala coloquial.

Exemplos:

- Três canetas vermelhas ► três canetas vermelha; três caneta vermelha
- Canetas vermelhas novas ► canetas vermelhas nova; canetas vermelha nova
- As casas grandes ► as casas grande; as casa grande

Observe que a norma padrão da língua prescreve que todos os elementos do sintagma nominal devem apresentar um morfema que marca o plural. Assim, temos o morfema -s em todas os elementos de “As casas grandes”. Nas variantes populares, não são necessárias tantas marcações de plural. Basta uma para os falantes entenderem muito bem que se trata de plural, como indicam as marcas “três” e “As”.

À primeira vista, alguém pode achar que a língua falada é muito pobre porque perdeu as outras marcas de plural do sintagma nominal. Isso não é verdade. O sistema linguístico dessas

variantes populares funciona muito bem, sem redundância de marcas de plural. É o que ocorre no sistema da língua inglesa, que mesmo na norma padrão marca o plural apenas uma vez no sintagma nominal (no substantivo) como em:

- Canetas vermelhas novas = new red pens
- As belas casas coloniais = the beautiful colonial houses

A concordância verbal também apresenta muita variação na língua falada coloquial:

- Nós falamos ► nós fala ► a gente fala
- Vocês falam ► vocês fala
- Eles falam ► eles fala ► a turma / o pessoal / a galera fala

Em uma frase completa, podemos encontrar variações de concordância verbal e nominal, como em:

- Elas são muito legais!
- Elas é muito legais!
- Elas é muito legal!

Na Unidade 3, comentaremos com mais detalhes como o paradigma da conjugação verbal mudou no português do Brasil, a partir do século XIX, e como ele ainda varia. A língua, como um sistema complexo, realiza ajustes e cada variante popular funciona muito bem, de forma coerente.

Variações nos pronomes oblíquos

Os pronomes oblíquos (usados na posição de objeto, antes ou após o verbo) apresentam muita variação no Brasil todo.

Muitas pesquisas sociolinguísticas sobre os pronomes oblíquos no português do Brasil já foram realizadas, sendo que a primeira delas foi a de Duarte (1989). Essa pesquisa mostrou algo interessante, que foi confirmado por pesquisas posteriores:

- Os pronomes oblíquos de acordo com a norma padrão (a gramática normativa) são raramente usados na língua falada, mesmo por pessoas escolarizadas. Um exemplo é: O José? Eu o vi na esquina.
- A forma popular com o pronome do caso reto nessa posição chama bastante a atenção

das pessoas como “uma forma errada”. É o caso de: O José? Eu vi ele na esquina. Essa forma, no entanto, é pouco usada na língua falada. Talvez por ser bastante estigmatizada como “feia”, “errada”, ela passou a ser evitada. No entanto, os falantes do português brasileiro não passaram a usar a forma padrão. Criaram uma nova forma.

- A variante popular mais frequente para a posição sintática de pronome oblíquo é uma que apaga o pronome e deixa no seu lugar um vazio. Vamos representá-lo nos exemplos com []. É o caso de: O José? Eu vi [] na esquina. Essa variante popular soa bem, é bem aceita socialmente e por isso é usada por pessoas escolarizadas. No entanto, a gramática normativa não a aceita, porque a posição do objeto não foi preenchida adequadamente. Por isso, essa forma é uma variante popular e pode ocorrer em todas as pessoas verbais.

- Outra variante é a repetição do nome, em vez do pronome. De acordo com a norma padrão, essa possibilidade não está errada, mas deixa o texto muito repetitivo. Exatamente por isso, a gramática da língua criou a categoria dos pronomes. Essa é uma variante pouco usada. É o caso de: O José? Eu vi o José na esquina.

O quadro a seguir traz alguns exemplos.

Norma padrão	Variante popular mais usada por todos os falantes, inclusive os escolarizados.	Variante popular menos usada. Algumas das formas abaixo são mais estigmatizadas. Apenas quando o “nós” é substituído pelo “a gente”, a variante é bem aceita.
Pronome oblíquo na posição anterior ao verbo (próclise) ou posterior ao verbo (ênclise).		
Meu pai foi buscar- me na festa.	Meu pai foi buscar [] na festa.	Meu pai foi buscar eu na festa.
Pedro descascou as bananas e eu as comi.	Pedro descascou as bananas e eu [] comi.	Pedro descascou as bananas e eu comi elas .
Nós encontramos o João e ele convidou- nos para uma festa.	Nós encontramos o João e ele convidou [] para uma festa.	Nós encontramos o João e ele convidou nós / a gente para uma festa.
Lembra-se do João? Nós o vimos na rua.	Lembra-se do João? Nós vimos [] na rua.	Lembra-se do João? Nós vimos ele na rua.
Meu dinheiro é todo meu. Eu não o dou para meus pais.	Meu dinheiro é todo meu. Eu não [] dou para meus pais.	Meu dinheiro é todo meu. Eu não dou ele para meus pais.

Ah! Vê se não nos atrapalha.	Ah! Vê se não atrapalha [].	Ah! Vê se não atrapalha a gente / nós .
O João não concordava comigo, mas eu o convenci a mudar de ideia.	O João não concordava comigo, mas eu convenci [] a mudar de ideia.	O João não concordava comigo, mas eu convenci ele a mudar de ideia.

O pronome oblíquo no meio do verbo, que a gramática normativa chama de mesóclise e prescreve para os tempos verbais futuro do presente e futuro do pretérito, já não é mais usado no português brasileiro, nem na escrita formal. Dois exemplos são:

- O José? Vê-lo-ei na esquina amanhã. O José? Vê-lo-ia amanhã se não fosse viajar.

Por terem se tornado arcaicas, essas formas nem foram exemplificadas no quadro.

A variante com o pronome vazio é predominante, inclusive na fala de pessoas escolarizadas e na TV. É essa que as crianças aprendem no seu convívio familiar e social. Se a fala não privilegia o pronome oblíquo (proclítico ou enclítico), sua porcentagem de ocorrência é muito baixa, podemos supor que os alunos não conhecem essa variante do português. Precisam aprendê-la na escola. Se o/a professor/a não fizer um trabalho de análise linguística, comparando as possibilidades na língua que se fala e na língua que se escreve, os alunos terão muita dificuldade para compreender esse aspecto da gramática da língua e para adquirir a variante padrão.

Variações nos pronomes relativos

Os pronomes relativos (utilizados para ligar uma oração subordinada adjetiva a uma oração principal) apresentam muita variação no Brasil todo.

Muitas pesquisas sociolinguísticas sobre os pronomes relativos no português do Brasil já foram realizadas e mostraram um quadro bem parecido com a variação nos pronomes oblíquos: há uma variante com um vazio de pronome que é a predominante, como mostra o quadro a seguir.

Variantes	Exemplos das variantes de pronomes oblíquos	Exemplos de variantes dos pronomes relativos
Pronome de acordo com a norma padrão	Eu descasquei as laranjas e Pedro as comeu.	Encontrei a revista cuja capa estava rasgada.
Pronome ele/ela	Eu descasquei as laranjas e Pedro comeu elas .	Encontrei a revista que a capa dela estava rasgada.
Vazio (variante mais frequente)	Eu descasquei as laranjas e Pedro comeu [].	Encontrei a revista que a capa [] estava rasgada.
Repetição do substantivo	Eu descasquei as laranjas e Pedro comeu as laranjas .	Encontrei a revista que a capa da revista estava rasgada.

A primeira pesquisa sobre o tema e que mostrou essa variante “vazio” foi realizada por Tarallo (1983 apud TARALLO, 1985).

Veja mais alguns exemplos:

Variantes	Exemplos de variantes dos pronomes relativos
Pronome de acordo com a norma padrão	<p>É uma pessoa de quem ninguém gosta.</p> <p>Essa é uma doença contra a qual há poucos remédios.</p> <p>Ela é a moça cuja casa foi assaltada.</p>

<p>Pronome ele/ela</p>	<p>É uma pessoa que ninguém gosta dela.</p> <p>Essa é uma doença que há poucos remédios contra ela.</p> <p>Ela é a moça que a casa dela foi assaltada.</p>
<p>Vazio (variante mais frequente)</p>	<p>É uma pessoa que ninguém gosta [].</p> <p>Essa é uma doença que há poucos remédios contra [].</p> <p>Ela é a moça que a casa [] foi assaltada.</p>
<p>Repetição do substantivo</p>	<p>É uma pessoa que ninguém gosta da pessoa.</p> <p>Essa é uma doença que há poucos remédios contra a doença.</p> <p>Ela é a moça que a casa da moça foi assaltada.</p>

Variações nas formas de expressão do futuro

Muitos outros tópicos de gramática do português brasileiro apresentam variações sociolingüísticas. Para concluir a exemplificação, temos um caso de variação atual e ainda bastante polêmica. A gramática normativa reconhece como formas de expressão de futuro o futuro do presente e a locução verbal “ir + infinitivo”. Há algumas décadas, surgiu no português brasileiro a locução “ir + estar + gerúndio” para a expressão de futuro. Vejamos alguns exemplos dessa variação no quadro a seguir.

Norma padrão	Norma padrão em estilo menos formal	Variante popular (chamada de gerundismo)
Amanhã a professora fará uma atividade na quadra.	Amanhã a professora vai fazer uma atividade na quadra.	Amanhã a professora vai estar fazendo uma atividade na quadra.
O trabalho ficará pronto na sexta-feira.	O trabalho vai ficar pronto na sexta-feira.	O trabalho vai estar ficando pronto na sexta-feira.

Essa variante popular, chamada de “gerundismo”, vem recebendo apreciação social negativa por parte de falantes escolarizados. É possível que essa novidade linguística do português brasileiro não seja muito utilizada por esses falantes de escolaridade mais alta. Vários autores especulam sobre a origem dessa nova forma, mas ainda parece não haver um consenso.

Variação nas frases negativas

Para uma pergunta: “Você vai?”, é possível, dependendo da região do Brasil ou do falante, ouvirmos as seguintes variantes linguísticas:

- Não vou.
- Vou não.
- Não vou não.

Variações lexicais

O léxico da língua, ou seja, o conjunto de palavras da língua é imenso. Há muitas variações regionais para mesma palavra, bem como há muitas variações em nível de formalidade. Nas variações lexicais, entram as gírias, que também podem variar de acordo com região, com nível de formalidade ou com relação a grupos de pessoas que se identificam por algum interesse. É muito interessante fazer um levantamento com os alunos de palavras que eles conhecem para expressar determinada ideia e discutir com eles os efeitos de sentido e as situações mais

adequadas para o uso de cada palavra.

Alguns exemplos de variação regional:

- Menino; garoto; guri; piá
- Mandioca; macaxeira; aipim; pão de pobre
- Mandioquinha; batata-salsa; batata-baroa; batata-fiúza
- Ônibus urbano; circular; busão
- Cerveja; breja
- Bêbado; beudo
- Cachaça, aguardente, pinga, cana, caninha, mé, branquinha

Você, certamente, conhece dezenas de outros exemplos.

2.4 Síntese da Unidade

Nesta Unidade, estudamos que:

- A variação linguística não é um fenômeno da língua de caráter superficial. Ela atravessa toda e qualquer produção de linguagem. O usuário da língua sempre terá que fazer escolhas linguísticas dentro de um leque de opções (variações) que a língua oferece.

- Vários fatores linguísticos e extralinguísticos se combinam em cada caso.
- Linguisticamente, nenhuma variante é melhor ou pior que outra.
- Socialmente, no entanto, algumas variantes são desprestigiadas, desvalorizadas (estigmatizadas).

- É importante que as pessoas tenham um repertório linguístico amplo para poderem escolher a variante linguística mais adequada para cada situação de comunicação. Mesmo os falantes mais escolarizados usam variantes populares. Mas para poder escolher, o falante precisa dominar opções variadas.

- A variante padrão da língua, adequada para situações de fala formal e de escrita, é adquirida principalmente em situações escolares.

- O ensino da Língua Portuguesa na escola tem, antes de tudo, uma função social: que é proporcionar a todos os alunos condições para que atinjam o domínio da norma padrão e possam disputar um espaço na sociedade (trabalho, concursos, vestibulares, situações sociais mais formais).

- Ter domínio da norma padrão não significa que o falante não vai usar variantes populares; significa que talvez deixe de usar as mais estigmatizadas socialmente.

• Ter o domínio da norma padrão significa que o falante compreende a dinâmica social da língua, tem um repertório linguístico maior e sabe adequá-lo às diversas situações de comunicação.

2.5 Para saber mais

Para se aprofundar na fundamentação teórica sobre variação linguística, você pode consultar os textos citados nesta Unidade e outros que a fundamentaram, ainda que não tenham sido citados. As referências completas estão a seguir.

ALKMIM, Tânia. Sociolingüística. Parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC; SEB, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

CAMACHO, Roberto G. A variação linguística. In: SÃO PAULO. **Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1o e 2o graus**: Coletânea de textos, vol. I. São Paulo: SEE-SP/CENP, 1988. p. 29-41.

CAMACHO, Roberto G. Sociolingüística. Parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

LOUZADA, Maria S. O. O ensino da norma na escola. In: MURRIE, Zuleika de F. (org.). **O ensino de português**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994. p. 11-21.

DUARTE, Maria Eugênia L. Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil. In: TARA-LLO, F. (org.) **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas : Pontes, 1989. p. 19-34.

MATTOS E SILVA, Rosa V. Alguns aspectos da heterogeneidade dialetal brasileira e sua relação com o ensino do português. In: MATTOS E SILVA, Rosa V. **Contradições no ensino de português: a língua que se fala X a língua que se ensina**. São Paulo: Contexto; Salvador: Editora da UFBA, 1995. p. 52-77.



NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática: história, teoria e análise, ensino.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

PRETI, Dino. **Sociolinguística – os níveis da fala.** 7. ed. São Paulo: Edusp, 1994.

SCHERRE, Maria M. P. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. **Tabuleiro da Letras**, n. 4, p. 1-32, junho de 2012.

SILVA, Rosa V. M. e. **Tradição gramatical e gramática tradicional.** São Paulo: Contexto, 1988.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 1985.

TRAVAGLIA, Luiz C. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1o e 2o graus.** São Paulo: Cortez, 1997.

VIEIRA, Francisco E. Gramatização brasileira contemporânea do português: novos paradigmas? In: FARACO, Carlos A.; VIEIRA, Francisco E. (org.). **Gramáticas brasileiras: com a palavras, os leitores.** São Paulo: Parábola, 2016. p. 19-69.



Unidade III

Mudanças linguísticas no português brasileiro

Esta Unidade apresenta exemplos de mudanças linguísticas no português do Brasil, ocorridas principalmente a partir do século XIX. Mudanças sempre pressupõem variações antes do estágio em que uma variante se torna dominante e outra/as variante/s deixam de ser usadas na língua. Isso não significa que todas as variações vão resultar em mudanças; mas, sim, significa que todas as mudanças são resultado de alguma variação em momento anterior. A língua é viva e dinâmica. Precisamos entender esses movimentos linguísticos como fenômenos naturais, motivados por fatores sociais, culturais, históricos, ideológicos.

Introdução

Nesta Unidade, estudaremos aspectos interessantes da variação linguística do português do Brasil ao longo do tempo. São as também denominadas “mudanças diacrônicas”. Manteremos o foco em fatos ocorridos a partir do século XIX, que imprimiram características bem específicas à Língua Portuguesa falada e escrita no Brasil, diferenciando-a bastante da Língua Portuguesa em uso em Portugal.

Os estudos sociolinguísticos mostraram que também essas mudanças diacrônicas, bem como as mudanças sincrônicas, precisam ser compreendidas na dinâmica do sistema da língua. Não são mudanças aleatórias, desorganizadas, que empobrecem a língua. Cada mudança está muito bem encaixada no sistema linguístico, de forma que uma mudança na organização sintática ou uma perda de morfologia, em um ponto da gramática da língua, provoca uma reorganização do sistema gramatical em outro ponto. Assim, a gramática sempre se ajusta e os falantes continuam se comunicando sem qualquer prejuízo.

Muitas vezes, esses fenômenos de mudança linguística não são bem compreendidos porque não foram bem estudados e descritos. Por falta de informação, muitas pessoas acabam achando que algo errado está acontecendo com a língua. Os falantes normalmente não têm consciência de que sua língua está mudando. A sensação de permanência linguística se dá porque as mudanças são lentas, atingem partes e não o todo da língua. É por isso também que não impedem a comunicação entre os membros de uma comunidade linguística.

Com os conhecimentos adquiridos nesta Unidade, fica também o convite a que você observe os fatos da Língua Portuguesa em uso, compare-os a características da língua de textos antigos, como os da literatura do século XIX. Nas aulas de Língua Portuguesa, como propõe a BNCC, “Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise” (BRASIL, 2018, p. 81).

Bons estudos!

3.1 O português do Brasil, como todas as línguas, passa por mudanças diacrônicas

A Língua Portuguesa se originou do Latim, levado pelos romanos até a região do império romano onde hoje é Portugal. Ao longo de mais de dez séculos, o Latim falado nessa região passou por modificações em contato com várias outras línguas de povos que habitavam a região antes da chegada dos romanos e de povos que invadiram essa região depois da queda do império romano. No século XIII, aparecem textos escritos na língua da região, que os pesquisadores consideram exemplares da Língua Portuguesa antiga. E essa língua não parou no tempo, lá no século XIII.

Uma língua é um fenômeno dinâmico, mantido vivo por uma comunidade linguística (grupo de pessoas que usa aquela língua) e constantemente influenciado por fatores sociais, culturais, históricos, ideológicos. Dessa forma, mesmo uma língua já reconhecida, com gramática e com escrita estabelecidas como ideais, corretas, ensinadas nas escolas, passa por modificações ao longo do tempo, também chamadas de mudanças diacrônicas.

Os estudos sociolinguísticos desenvolvidos a partir dos anos 60, inicialmente nos EUA, revelaram aspectos muito interessantes da dinâmica das línguas no contexto social e cultural. A partir dos conhecimentos sobre fonologia, morfologia, sintaxe e semântica já acumulados, pôde-se começar a entender outros aspectos das línguas naturais. As gravações de fala, observação das variedades do uso da língua em função de muitos fatores sociais e linguísticos e diferenças entre fala e escrita motivaram a pesquisa sobre o passado das línguas para o entendimento das mudanças, principalmente as mais recentes. O português do Brasil, por exemplo, é uma língua que mudou muito do séc. XIX para o séc. XX. (ROBERTS; KATO, 1993; 2018). Muitos fatores políticos e sociais contribuíram para que o português aqui falado se diferenciasse em muitos aspectos do português falado em Portugal e em outros países de língua portuguesa.

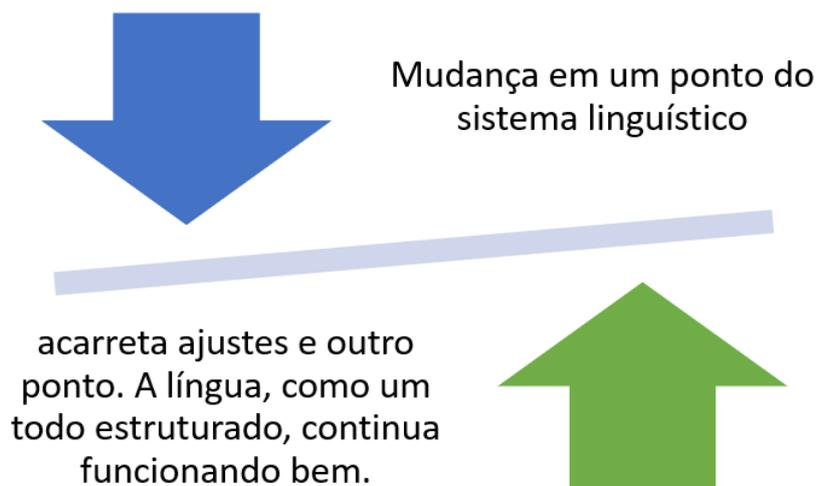
Os métodos da linguística histórica moderna, diferentes daqueles que vigoraram no séc. XIX, procuram entender os fatos linguísticos e sociais que provocam as mudanças, bem como a reorganização que ocorre nas línguas de forma que as mudanças nunca são vistas isoladamente, como um empobrecimento ou deterioração, mas como possibilidades do sistema bem “engrenado” que é a língua. Esse caráter dinâmico das línguas, que leva a mudanças em vários níveis, muito vezes é visto com preconceito pela maioria das pessoas por falta de conhecimento sobre o funcionamento linguístico.

Os falantes de uma comunidade linguística percebem essas modificações?

Faraco (1992) explica que:

- os falantes normalmente não têm consciência de que sua língua está mudando. A sensação de permanência linguística se dá porque as mudanças são lentas, atingem partes e não o todo da língua, é por isso também que não impedem a comunicação entre os membros de uma comunidade linguística;
- as mudanças iniciam-se na língua falada, como variação linguística. Em alguns casos de variação, algumas formas linguísticas mais antigas deixam de ser usadas, outras mais novas ocupam o lugar dessas antigas. Nesses casos, têm-se uma mudança instalada na língua;
- as culturas que usam a escrita desenvolvem um padrão de língua que, codificado em gramáticas, cultivado pelos letrados e ensinado pelas escolas, adquire um estatuto de estabilidade e permanência maior do que as outras variedades da língua falada, funcionando, conseqüentemente, não só como refreador temporário de mudanças, mas principalmente como ponto de referência para a imagem que os falantes constroem da língua. A língua escrita é mais conservadora, por isso muitas inovações já aceitas até em situações formais de fala não são, de imediato, aceitas na escrita; recebem condenação explícita dos gramáticos;
- há situações em que os falantes percebem as mudanças já efetuadas ou em progresso na língua: no contato com textos muito antigos (do século XIX, dá para perceber muito bem), na convivência ou em conversas com pessoas muito mais jovens ou muito mais idosas.
- alguns falantes tendem a ver as mudanças linguísticas como uma espécie de decadência: acreditam que a língua estaria empobrecendo, degenerando-se; outros, ao contrário, acreditam que a mudança significa simplificação e tendem a achar que a língua atual é mais “prática” do que a do passado.

Os linguistas não entendem a mudança linguística nem como progresso nem como degeneração. Prova disso é que, por mais que uma língua mude com o passar do tempo, ela nunca deixa de funcionar bem, de cumprir sua função social na comunicação entre os falantes. Isso porque:



Um exemplo de ajuste do sistema linguístico em função de uma mudança morfológica do português brasileiro?

Um exemplo de como o sistema linguístico se ajusta às mudanças é o uso de pronomes pessoais na posição de sujeito (GALVES, 1996). O sujeito oculto é uma possibilidade do português muito comum no português europeu e é o padrão da gramática normativa (tradicional). É também possível no português brasileiro padrão (escrito, formal). Depende, no entanto, de um sistema de desinências verbais (morfemas flexionais) que marquem com clareza as pessoas verbais para que o sujeito oculto possa ser identificado (os parênteses abaixo representam o sujeito oculto). Veja:

() Canto	1ª pessoa do singular – eu
() Cantas	2ª pessoa do singular – tu
() Canta	3ª pessoa do singular – ele, ela
() Cantamos	1ª pessoa do plural – nós
() Cantais	2ª pessoa do plural – vós
() Cantam	3ª pessoa do plural – eles, elas

No português brasileiro, em grande parte do país, ocorreu uma mudança de tu e vós para você e vocês. As formas verbais de 2ª pessoa perderam as desinências que marcam essas pessoas e ficaram iguais às de 3ª pessoa.

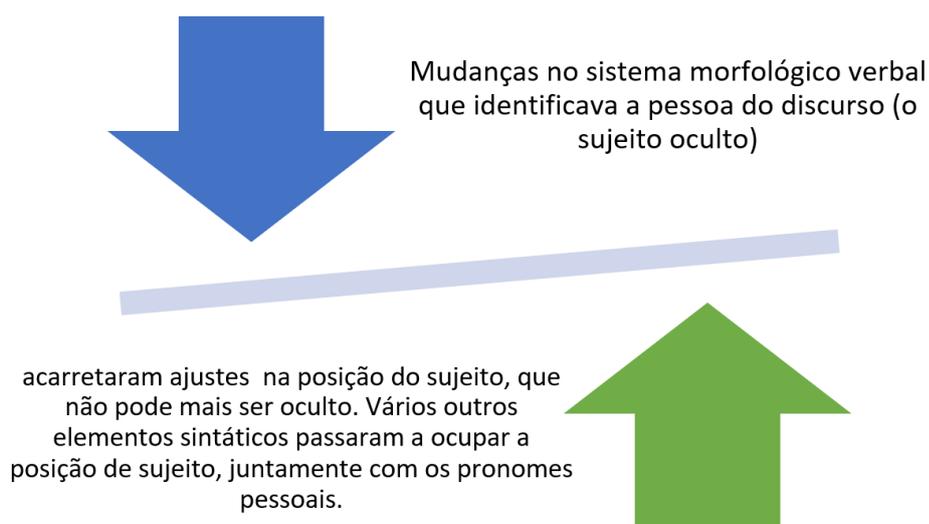
O sujeito oculto já não é possível nesses casos, pois não dá mais para saber quem realiza a ação expressa pelo verbo. Observe:

(<u> </u>) Canto	1ª pessoa do singular – eu
(?) Canta	2ª pessoa do singular – você
(?) Canta	3ª pessoa do singular – ele, ela
(<u> </u>) Cantamos	1ª pessoa do plural – nós
(?) Cantam	2ª pessoa do plural – vocês
(?) Cantam	3ª pessoa do plural – eles, elas

Também ocorre uma variação muito frequente na língua falada que é a substituição do “nós” pelo “a gente”, com o verbo no singular. Por fim, observa-se a perda da flexão verbal para as 2ª e 3ª pessoas do plural.

Com essas mudanças (tu e vós substituídos por você e vocês) e as variações nós/ agente, como as pessoas se entendem?

Os brasileiros continuam se comunicando e se entendendo muito bem na língua falada. Como? Simples:



Português padrão	Português brasileiro falado atual
() Canto	Eu canto
() Cantas	Você canta
() Canta	Ele, ela canta
() Cantamos	A gente canta
() Cantais	<u>Vocês</u> canta
() Cantam	Eles, elas, a turma, a galera, geral canta

Só o sujeito presente (visível, explícito) pode identificar a pessoa verbal no português brasileiro falado. Por isso, praticamente já não existe mais sujeito oculto na fala atual. Os textos escritos tendem, também, a apresentar mais sujeitos preenchidos com pronomes do que textos mais antigos. Muitas vezes, os alunos têm dificuldades de compreender textos literários do século XIX, além de outros motivos, por causa da grande quantidade de sujeitos ocultos (vazios).

Observe o trecho abaixo, do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. O/A professor/a de Língua Portuguesa precisa fazer um exercício de análise linguística com seus alunos, para que percebam que todas as referências à Marcela são feitas com sujeito oculto, em vez de serem feitas com o pronome “ela”, como preferimos usar no português brasileiro atual.

Marcela compreendeu a causa do meu silêncio [...]. Deu-me uma cadeira, e, com o balcão permeio, falou-me longamente de si, da vida que levara, das lágrimas que eu lhe fizera verter, das saudades, dos desastres, enfim das bexigas, que lhe escalavraram o rosto, e do tempo, que ajudou a moléstia, adiantando-lhe a decadência. Verdade é que tinha a alma decrepita. Vendera tudo, quase tudo; um homem que a amara outrora, e lhe morreu nos braços, deixara-lhe aquela loja de ourivesaria, mas, para que a desgraça fosse completa, era agora pouco buscada a loja – talvez pela singularidade de a dirigir uma mulher. Em seguida pediu-me que lhe contasse a minha vida. Gastei pouco tempo em dizer-lha; não era longa, nem interessante.

Além do sujeito ocultos, esse trecho mostra algumas outras mudanças em relação ao português brasileiro atual que comentaremos ao longo da Unidade.

Mas o quadro do português brasileiro falado atual não é muito pobre, muito feio? A língua não está se deteriorando?

Não! Classificar esse fenômeno do português brasileiro como pobre, feio ou deteriorado é falta de compreensão sobre o funcionamento da língua. É preconceito linguístico se esse julgamento for estendido a pessoas que usam as variantes mais populares. Observe que pessoas escolarizadas também usam a variante popular de conjugação verbal com você/vocês, a gente, a turma/o pessoal. Essas pessoas talvez não usem apenas a forma “você canta”.

A perda das flexões verbais acarretou um ganho em outro ponto do sistema linguístico (sujeito sempre preenchido por pronome ou expressão nominal), como bem demonstrou a pesquisa de Duarte (1996). A mudança foi bem grande, mas o sistema linguístico se organizou: 1) trouxe para a função sintática de sujeito o pronome de tratamento “você” – repare que aqui houve uma mudança de função sintática; 2) atribuiu uma função sintática de sujeito a expressões nominais como “a gente”, “a turma”, “o pessoal”, entre outras. Do ponto de vista do sistema linguístico, no nível sintático, esta é uma mudança complexa, que está em perfeito funcionamento.

Algo semelhante aconteceu com o inglês antigo, que era uma língua de sujeito oculto e flexões verbais diferenciadas. O inglês medieval perdeu essas flexões verbais e, conseqüentemente, o inglês moderno passou a ser uma língua de sujeito obrigatório, sem flexões verbais. Esse é um fato bem documentado nos estudos sobre a história da Língua Inglesa.

Observe que o sistema flexional do inglês moderno é igual ao sistema flexional verbal da variante falada informal do português brasileiro. No inglês, só há um morfema –s na 3ª pessoa do singular, no presente. No português brasileiro, só há um morfema diferente na 1ª pessoa do singular, na variante bem informal. Essas pequenas diferenças não são suficientes

Português brasileiro falado	Inglês
Eu canto	I <u>sing</u>
Você canta	You <u>sing</u>
Ele, ela canta	He, she, it <u>sings</u>
A gente canta	We <u>sing</u>
Vocês canta	You <u>sing</u>
Eles, elas, a turma, a galera, geral canta	They <u>sing</u>

3.2 O que pode mudar nas línguas

Faraco (1992) explica que todos os componentes da língua podem sofrer mudanças. As mudanças aconteceram em fases mais antigas da língua (do latim para o português), mas não pararam lá no português antigo. Todos os componentes da língua continuam sua trajetória dinâmica.

O componente fonético/fonológico da língua (relacionado ao sotaque) parece sofrer menos mudanças atualmente. É mais difícil de estudar essas mudanças antigas porque não há gravações de língua falada de séculos passados. Mesmo assim, os linguistas estudam textos escritos que permitem supor a pronúncia das palavras, como as rimas de poemas. Muitas possíveis mudanças já foram apontadas. A comparação do português falado em Portugal com o português falado no Brasil evidencia que houve mudanças de sotaque na língua que os portugueses trouxeram para cá.

Pela tecnicidade desse aspecto fonético/fonológico da língua, não vamos nos estender aqui. Quem tiver curiosidade sobre isso, pode ler:

MATTOS E SILVA, Rosa V. **O Português Arcaico: fonologia**. São Paulo: Contexto, 1991.

O componente gramatical (léxico, morfologia e sintaxe) é mais fácil de ser observado em textos escritos antigos. Com certeza, há muitas mudanças a serem observadas no português brasileiro a partir do século XIX, motivadas por fatores históricos, como independência do Brasil; desejo de constituição de uma nacionalidade independente de Portugal; ampliação de escolas e Universidades no Brasil (os brasileiros de classe alta não precisavam mais ir estudar na Europa); crescimento de jornais e revistas publicados no Brasil com preocupações em temas nacionais; grande fluxo de imigrantes de diferentes países do mundo. Esses imigrantes contribuíram principalmente com acréscimo de vocabulário.

Esses mencionados são fatores externos, extralinguísticos, que provocaram mudanças. As mudanças acontecem em pontos da língua que, por fatores internos, propiciam maior variação. Os estudos sociolinguísticos sobre o português brasileiro mostram muitas mudanças no sistema pronominal da língua e no sistema de concordância verbal e nominal. Uma obra muito importante sobre isso é:

ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

Essa obra ainda continua tão importante e atual que, em 2018, a Editora Contexto lançou uma nova edição desse livro:

ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

Importante lembrar: quando você estiver lendo textos antigos **não deve confundir** diferenças de grafia com mudanças linguísticas. Sabemos que a grafia atual das palavras só foi oficializada a partir do século XX, após a Segunda Guerra Mundial. Antes disso, cada escritor, a seu critério, determinava a grafia das palavras. Por isso você pode encontrar vila ou villa, oméés / homees (homens), vyziño / vezinho (vizinho). É importante observar se, apesar da grafia diferente, a palavra continua sendo usada no português atual com o mesmo sentido, no mesmo tipo de construção sintática.

Para ler sobre o início da ortografia da Língua Portuguesa, consulte:

CAGLIARI, Luiz C. Algumas reflexões sobre o início da ortografia da Língua Portuguesa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 27, p. 103-111, jul./dez. 1994. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637032/4754>.

3.3 Exemplos de mudanças no português brasileiro

Seguem apenas alguns exemplos, mas fica um convite a você: todas as vezes que você ler um texto antigo, procure observar as diferenças em relação ao português atual.

No ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente na prática de linguagem “Análise linguística/semiótica”, a BNCC (BRASIL, 2018, p. 81) prescreve:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (BRASIL, 2018, p. 81).

Mudanças na sintaxe das orações interrogativas

Atualmente é muito comum tanto no português brasileiro quanto no português europeu, na língua escrita e falada, sentenças interrogativas com “é que” do tipo:

O que é que o João fez?

Onde é que ele mora?

Lopes-Rossi (1993; 1996) constatou que esse tipo de interrogativa não existia no português até o séc. XVIII. Essas interrogativas são formadas a partir de sentenças afirmativas que focalizam (ênfaticam) um elemento (chamadas de “clivadas”), também com “é que”, do tipo:

Bagunça é que o João fez.

Em Taubaté é que ele mora.

Esse tipo de sentença afirmativa, hoje muito comum, também não existia até o séc. XVIII, segundo o que se pode observar em textos escritos. Até hoje não existem esse tipo de interrogativa e esse tipo de sentença afirmativa em espanhol, uma língua sintaticamente bastante parecida com o português de Portugal. Não são possíveis no espanhol frases como: *Eso es que estoy diciendo. * Que es que estoy diciendo? * Donde es que vives?

O surgimento de sentenças interrogativas e afirmativas com “é que”, no português, apenas no séc. XIX, está relacionado a outras mudanças na língua nas formas possíveis de enfatizar algum elemento da sentença. Não é necessário agora entrar nesses detalhes, mas é importante saber que não é por acaso que determinado tipo de sentença nunca seja produzido pelos falantes de uma língua e num dado momento passe a ser.

Outro caso interessante de mudança ocorreu apenas no português do Brasil. Para nós, é absolutamente comum, tanto na língua falada quanto na escrita (e os gramáticos aceitam perfeitamente), perguntas como:

O que o João comprou? ou O João comprou o quê?

Onde você mora? ou Você mora onde?

No português de Portugal, em séculos passados e atualmente, nenhuma dessas quatro perguntas são possíveis, mesmo na língua falada. O ponto principal é a ordem das palavras. O sistema linguístico do português europeu não permite que se coloquem o pronome e o advérbio interrogativo (nos exemplos o *quê* e *onde*, mas também *como*, *quem*, *quando*, *por que*) no final da frase interrogativa ou que sejam colocados no início, logo seguidos do sujeito. Eles devem ser seguidos do verbo, como nas frases a seguir. É o mesmo que ocorre no inglês e no espanhol. No inglês há o auxiliar “Do”, que precisa ser colocado antes do sujeito em alguns casos; em outros, é o verbo que fica nessa posição nas interrogativas.

O que comprou o João? (Português de Portugal)

Onde mora você? (Português de Portugal)

A explicação para a mudança no português brasileiro, que aconteceu a partir do séc. XIX, está relacionada a mudanças nas flexões verbais, que acarretaram várias mudanças na ordem das palavras na nossa língua. Mais uma vez vamos deixar os detalhes técnicos de lado, mas observar que não é por acaso que determinado tipo de sentença nunca seja produzido pelos falantes de uma língua e num dado momento passe a ser. Os capítulos de Roberts e Kato (1993; 2018) explicam em detalhes esses fenômenos.

Exemplos de mudanças na sintaxe de colocação de pronomes

Outros exemplos de mudança sintática, agora na ordem de colocação de pronomes, podem ser observados nas frases abaixo, retiradas de cartas do séc. XVIII (Correspondência com a Corte – 1725; Cartas da Bahia, 1768-1769). Observe a posição dos pronomes oblíquos (em negrito) e note que hoje eles continuam existindo, mas não se colocam mais nessas posições.

...dele está já muito velho, e estropeado e **se lhe** não pode tirar esta incumbencia...

... porq. **lhe** não daó conta, nem elle...

... para q. algumas peçoas **lhe** naó tiracem o ...

... e por esta cauza **me** não atrevo agora perder impondocelhe a pena da Ley...

... o que se **lhe** não pode executar senaó em ocaziaõ...

... alegando seus Sr.es que **os** não devem perder impondocelhe a pena da Ley...

Mais um exemplo de mudança recente no português do Brasil (no de Portugal isso não mudou) são os pronomes oblíquos combinados entre si: **mo** = me + o, **lho** = lhe + o, **no-lo** =

nos + o, **vo-lo** = vos + o. Não temos mais no português do Brasil frases como:

Entreguei-**lho**. (= Entreguei a você (= **lhe**) o presente (= o))

Há um instante tinha eu desejo de **lhe** perguntar o que havia entre Capitu e os peraltas do bairro; agora, imaginando que vinha justamente dizer-**mo**, fiquei com medo de ouvi-lo (Dom Casmurro, de Machado de Assis, Capítulo LXXIV).

O trecho a seguir, de Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis (século XIX) mostra uma profusão de pronomes oblíquos que chega a soar estranha aos nossos ouvidos do século XXI. Com certeza, atualmente, eles deixaram de ser usados nessa quantidade, mesmo

Marcela compreendeu a causa do meu silêncio [...]. Deu-**me** uma cadeira, e, com o balcão permeio, falou-**me** longamente de **si**, da vida que levava, das lágrimas que eu **lhe** fizera verter, das saudades, dos desastres, enfim das bexigas, que **lhe** escalavraram o rosto, e do tempo, que ajudou a moléstia, adiantando-**lhe** a decadência. Verdade é que tinha a alma decrépita. Vendera tudo, quase tudo; um homem que **a** amara outrora, e **lhe** morreu nos braços, deixara-**lhe** aquela loja de ourivesaria, mas, para que a desgraça fosse completa, era agora pouco buscada a loja – talvez pela singularidade de **a** dirigir uma mulher. Em seguida pediu-**me** que **lhe** contasse a minha vida. Gastei pouco tempo em dizer-**lha**; não era longa, nem interessante.

De acordo com a gramática tradicional, os pronomes oblíquos (os que se colocam na posição de objeto do verbo) podem ser colocados antes do verbo (próclise), depois do verbo (ênclise) e no meio do verbo (mesóclise). A mesóclise só ocorre com os tempos verbais futuro do presente e futuro do pretérito. São exemplos de mesóclise:

- Pagar-**me**-ão o salário no final do mês.
- Pagar-**me**-iam o salário no final do mês se a loja não tivesse falido.
- Encontrar-**nos**-ão na igreja às 18h.
- Encontrar-**nos**-iam na igreja às 18h se não eles não tivessem que trabalhar.

Essa colocação pronominal não é mais utilizada no português brasileiro atual, nem mesmo em textos escrito formais.

Exemplos de mudanças semânticas

A mudança no sentido das palavras pode ocorrer de duas formas: uma palavra que já existe com um determinado sentido pode ter seu sentido ampliado (passar a ter também outros sentidos) ou uma palavra que já existe com vários sentidos passa a ter um sentido restrito ou mesmo passa a ter um sentido diferente do que tinha no passado. Lendo textos mais antigos percebemos isso. Encontramos palavras que ainda existem hoje, mas com sentido diferente do que conhecemos. Alguns exemplos são:

- ampliação do sentido: a palavra “pirata”, nos séculos passados, tinha o sentido de “bandido que cruza os mares só com o fito de roubar; ladrão”. As palavras derivadas dessa: pirataria, piratear, tinham o sentido relacionado a isso. Hoje, além desse, usamos o termo para falsificações em geral: fita pirata, CD pirata, piratear um software...

A palavra “menor”, para se referir a criança, significava “que ainda não atingiu a maioridade”. Hoje falar em “menor” também nos remete à ideia de criança carente, abandonada, infratora.

A palavra “nuvem” significou, durante muito tempo, “massa de vapores de água condensados na atmosfera em gotículas”. Hoje se fala em “computação em nuvem”, “armazenamento de dados em nuvem”. São sentidos novos para uma palavra que não deixou de existir.

“Navegar” significou, por séculos, “conduzir uma embarcação” ou “cruzar o mar, um rio ou um lago em uma embarcação”. Com a invenção dos aviões, o verbo “navegar” e todos os seus derivados passou a se referir também às viagens pelo ar. Atualmente, além desses sentidos, navega-se na internet; existem os “navegadores de internet”.

- redução ou mudança de sentido: atente para o sentido das palavras gostosíssimas e gostosíssimo nos dois trechos abaixo, retirados das Cartas da Bahia (1768-1769):

[...] devo acabar esta carta [...] e permitir-me as gostosíssimas ocasiões de servi-lo, e dar-lhe gôsto [...]

Com certeza, não usamos atualmente “gostosíssimo” com esse sentido.

O verbo “jazer” significava “estar morto ou estar parado”, no português de até o século XV. Um exemplo: “Ele jazia tremendo.” Atualmente, esse verbo só é usado para se referir a alguém morto: “Ele jaz no chão.” Só entendemos que ele está morto, nunca que ele está apenas deitado.

Exemplos de mudanças lexicais (de palavras)

O termo **léxico** designa o conjunto de unidades (palavras) que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de uma pessoa. Vamos aqui considerar o léxico do português do Brasil, ou seja, o conjunto de palavras da nossa língua. Talvez esse seja o aspecto em que as mudanças ficam mais evidentes.

O léxico da língua muda:

- Pelo **desuso ou desaparecimento de palavras ou expressões**. Muitas palavras ficam restritas à fala de pessoas idosas, com forte tendência a desaparecerem porque os mais jovens não as conhecem, os meios de comunicação não as usam. São os **arcaísmos**. Os dicionários mantêm essas palavras porque elas aparecem nos textos antigos, fazem parte do léxico total da língua (incluindo todas as suas épocas) e nós recorremos aos dicionários para saber o que tais palavras significam quando lemos textos antigos. Não quer dizer que porque estejam lá elas ainda sejam usadas. Alguns exemplos de arcaísmos são:

[...] V. Ex. a. me dá um **quinau** favorecendo-me com uma carta sua... (Cartas da Bahia; 1768-1769)

[...] Solicito o obséquio de Vs. Ss. me fornecerem informações e referências da firma indicada no **apenso** a esta **missiva**... (Carta da década de 50)

Eu, impaciente, queria **ir à casa ao pé**. [...] E os dois falavam, até que tio Cosme ergueu-se para ir ver a doente, e José Dias **veio ter comigo**, ao vão da outra janela. [...] – Que é, Bentinho? **Para não fitá-lo, deixei cair os olhos**. (Dom Casmurro, de Machado de Assis, Capítulo LXXIV).

Deu-me uma cadeira, e, com o balcão **permeio**, falou-me... (Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis).

- Pela **criação de novas palavras**, de acordo com as necessidades dos tempos modernos. São os **neologismos**. Alguns exemplos do século XX: avião, microcomputador, disquete, ultrasonografia, escanear. Mais recentemente, a internet e as redes sociais têm trazido inúmeras contribuições para o léxico da língua. Muitas criações são adaptações fonológicas e morfológicas de palavras do inglês.

Um exemplo é o WhatsApp. Pela semelhança fonológica, criou-se a palavra Zap para designar essa rede social, e logo surgiu o verbo “zapear” e todas as suas conjugações possíveis: “zapeando”, “zapeado”, entre outras.

Em busca de fama no Instagram, as pessoas procuram fazer fotos “instagramáveis”.

O Google gerou “googlar” e “guglar”. Um casal pode ser “shippado” (de relationship); seus nomes podem ser “shippados” numa única palavra (esta também nova) que os represente: Bruna Marquezine + Neymar = Brumar. São alguns poucos exemplos de “internetês”.

Os jogos eletrônicos – os games – provocaram a criação de muitas palavras no português atual: o verbo “gamificar” e seus derivados: “gamificação”, “gamificado”, “gamificamos”. Interessante notar que a morfologia é do português, mas a grafia não foi totalmente aportuguesada. Seria se escrevêssemos “gueimificar”.

O surgimento de novas palavras na língua é assunto estudado pela morfologia derivacional. As palavras podem ser formadas por prefixo, sufixo, composição, derivação, abreviação. Não é necessário saber classificar o tipo de formação das novas palavras, mas é interessante observar como esse processo é produtivo na língua. Você vai encontrar muitos outros exemplos.

Exemplos de mudanças pragmáticas

O aspecto pragmático da linguagem refere-se às características de sua utilização (motivações psicológicas dos falantes, reações dos interlocutores, tipos socializados da fala). As intenções do falante, o conhecimento, as crenças, as expectativas ou os interesses do falante e de sua audiência determinam atos de fala e formas de expressão que são relacionados ao aspecto pragmático da linguagem. Esse aspecto se revela na forma como são feitas afirmações, ordens, alegações, pedidos, predições, promessas, insultos, suposições, desculpas e muitos outros tipos de atos de fala e nos contextos nos quais eles são efetuados.

As formas de tratamento entre pessoas conhecidas ou mesmo num nível um pouco mais formal mudaram muito no Brasil, nas últimas décadas. Um exemplo: pessoas com mais de 40 anos, muito provavelmente, chamam seus pais de “senhor” e “senhora”. Seus filhos, hoje, provavelmente as chamam de “você”.

Os exemplos abaixo são de cartas apresentadas em BELTRÃO, Odacir. Correspondência – Linguagem & Comunicação. 16ªed. São Paulo: Atlas, 1981. Esse livro é bastante antigo.

Só para se ter uma ideia, a 9ª edição é de 1964. Não há informação sobre a data da primeira edição. Observe o formalismo para se corresponder com um cliente. Com certeza, a linguagem

1. Expusemos seu caso com o intuito de cooperar na manutenção do seguro de V.S., mas é de seu pleno direito resolver favoravelmente ou não à forma de pagamento alvitrada, e mais uma vez renovamos os protestos de nossa distinta consideração.

2. Temos a satisfação de convidar V.S. a que visite nossa exposição de móveis, rádios e refrigeradores... É-nos grato comunicar-lhe que concederemos o abatimento especial de 15% a nossos distintos convidados. Subscrevemo-nos, ao seu inteiro dispor.

Além da forma solene para tratar o cliente, observam-se também palavras e expressões que não se usam mais, como: “forma de pagamento alvitrada”; “É-nos grato”.

3.4 Síntese da Unidade

Nesta Unidade, você estudou que:

- Todas as línguas mudam com o passar do tempo.
- Todos os níveis de organização da língua podem passar por mudanças. Alguns casos são mais fáceis de perceber, outros não.
- Os estudos sociolinguísticos desenvolvidos a partir dos anos 60, inicialmente nos EUA, revelaram aspectos muito interessantes das mudanças das línguas, motivadas por fatores do contexto histórico, social e cultural.
- Mostraram também que ocorre uma reorganização nas línguas de forma que as mudanças nunca devem ser vistas isoladamente, como um empobrecimento ou deterioração, mas como possibilidades do sistema bem “engrenado” que é a língua.
- Mudanças em um ponto do sistema gramatical acarretam ajustes em outro ponto. Assim, a língua continua como um todo muito bem estruturado e funcional.
- Os falantes normalmente não percebem as mudanças linguísticas porque elas são lentas, atingem partes e não o todo da língua, e também não impedem a comunicação entre os membros de uma comunidade linguística.
- O português brasileiro, a partir do século XIX, passou por muitas mudanças, motivadas por fatores históricos, como independência do Brasil; desejo de constituição de uma nacionalidade independente de Portugal; ampliação de escolas e Universidades no Brasil (os brasileiros de classe alta não precisavam mais ir estudar na Europa); crescimento de jornais e revistas publicados no Brasil com preocupações em temas nacionais.
- Além das mudanças no léxico, na semântica das palavras e no uso pragmático da

língua, houve muitas mudanças na gramática, especialmente no sistema pronominal, na ordem das palavras, nos sujeitos dos verbos (passaram de oculto para preenchidos por pronomes ou substantivos).

- A leitura de textos mais antigos possibilita a percepção de muitos casos dessas no português do Brasil.

- As atividades de leitura de literatura do século XIX ou de séculos anteriores precisam ser acompanhadas por atividades de análise linguística desses casos de mudanças que podem dificultar a compreensão dos alunos.

- A dinâmica da língua continua proporcionando mudanças. A criação de novas palavras talvez seja a face mais visível da produtividade linguística e, nesse nível, a internet e as redes sociais têm sido terrenos férteis.

3.5 Para saber mais

Para se aprofundar na fundamentação teórica sobre mudança linguística, você pode consultar os textos citados nesta Unidade e outros que a fundamentaram, ainda que não tenham sido citados, conforme as referências a seguir.

ALVES, Ieda M. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC; SEB, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

CAGLIARI, Luiz C. Algumas reflexões sobre o início da ortografia da Língua Portuguesa. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, v. 27, p. 103-111, jul./dez. 1994. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637032/4754>.

DUARTE, Maria E. L. **A perda do princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro**. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas, UNICAMP, 1996.

FARACO, Carlos A. **A Linguística Histórica**. São Paulo: Ática, 1992.

GALVES, Charlotte C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In:



ROBERTS, Ian; KATO, Mary (org.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2ª ed. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 387-408.

LOPES-ROSSI, Maria A. G. Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (org.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 307-342. Também a tese de doutorado dessa autora, defendida em 1996 na UNICAMP, estudou esse assunto.

MATTOS E SILVA, Rosa V. Linguística Histórica: o estado da questão e reflexos sobre estudos históricos do Português. **Atas do IX Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL)**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 181-202.

MATTOS E SILVA, Rosa V. **O Português Arcaico: fonologia**. São Paulo: Contexto, 1991.

ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. A terceira edição saiu pela Editora Contexto, em 2018.



Unidade IV

A variação linguística no ensino de Língua Portuguesa

O objetivo desta Unidade é relacionar os fundamentos teóricos estudados com o ensino de Língua Portuguesa. É consenso entre linguistas e educadores que a escola deve proporcionar a todos os alunos condições para que atinjam o domínio da norma padrão e possam disputar um espaço na sociedade (trabalho, concursos, vestibulares, situações sociais mais formais). A BNCC (BRASIL, 2018) também reconhece esse importante objetivo do ensino.



Introdução

Nesta Unidade estudaremos algumas propostas de transposição para a sala de aula dos principais fundamentos teóricos dos estudos sociolinguísticos, na forma de práticas de linguagem. O foco principal da discussão são as variações linguísticas e a norma padrão da língua, que estão sempre em concorrência nas situações de comunicação.

A norma padrão, por sua ocorrência mais restrita à fala formal e à escrita, deve ser o alvo de ensino nas aulas de Língua Portuguesa. No entanto, essa é uma variante linguística muito distante da realidade dos alunos. Em muitos casos, temos quase um abismo entre as variantes populares que os alunos falam e ouvem no dia-a-dia e a variante padrão que a escola pretende ensinar.

Veremos que a discussão sobre esse tema resultou no conceito de “análise linguística”, que consiste em análise das possibilidades da língua, comparação, reflexão sobre seus usos e efeitos de sentido. A BNCC (BRASIL, 2018) incorpora os resultados dos estudos linguísticos das últimas décadas e ressalta a importância de essa prática de análise linguística não ser de natureza teórica e metalinguística (focada em terminologia e classificações da gramática tradicional).

A Unidade termina com algumas sugestões de práticas e de leitura sobre o tema.

Bons estudos!

4.1 A polêmica sobre o ensino de gramática

A partir do que estudamos até agora, ficou claro que a língua é um conjunto de variantes e uma delas é a variante padrão da língua, descrita e prescrita pela gramática tradicional.

A partir dos anos 1980, com o avanço dos estudos sociolinguísticos e discursivos da língua, houve um grande questionamento sobre a forma como a escola, até então, abordava o ensino da Língua Portuguesa, que muitas vezes se restringia à classificação e à nomenclatura gramatical. Esse estudo da gramática era desvinculado das produções de linguagem nas situações reais. Era um estudo da língua totalmente fora de seu contexto sócio-histórico. As variantes linguísticas da fala não eram consideradas.

Mas o objetivo da escola não é ensinar a variante padrão da língua, que o aluno não conhece porque não usa e ouve muito pouco na língua falada por adultos?

Sim, esse é o objetivo da escola. No entanto os estudos sociolinguísticos mostraram que, justamente pela distância entre a norma padrão prescrita pela gramática tradicional e as variantes da fala coloquial, é preciso “construir pontes” para que os alunos possam transitar das variantes populares para a norma padrão. O ensino desta última sem vínculo com a realidade linguística do cotidiano resulta em fracasso já muito observado no ensino de língua portuguesa.

Essas “pontes” são as atividades de análise linguística, que devem ocorrer em todas as práticas de linguagem, sempre que houver uma oportunidade de observar um caso de variação linguística, de analisar seus efeitos de sentido, de comparar as variantes populares com a norma padrão. Esse conceito de “análise linguística” resultou de discussões cujos principais pontos são resumidos a seguir.

Muitas pesquisas apontaram que o tratamento que a gramática tradicional (normativa) dá aos fatos da língua, especialmente os sintáticos, se baseia em um padrão de língua escrita de autores bastante antigos. Muitas regras dessa gramática são desusadas atualmente, mesmo em textos escritos. Outras pesquisas questionaram a imposição de uma norma culta padrão em detrimento do registro popular do aluno e das variações sociolinguísticas do português do Brasil. Denunciam a discriminação linguística e a ineficiência de um ensino que não leva os alunos a observarem e a discutirem a diversidade linguística e o papel do uso da norma padrão na nossa sociedade.

Geraldi (1984) chama os professores à reflexão sobre o ensino da gramática defendendo que eles precisam se questionar: “Para que ensinamos o que ensinamos?”; “Para que as crianças



[...] uma coisa é saber a língua, isto é, dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados, percebendo as diferenças entre uma forma de expressão e outra. Outra coisa é saber analisar uma língua dominando conceitos e metalinguagens a partir dos quais se fala sobre a língua, se apresentam suas características estruturais e de uso. (GERALDI, 1984, p. 47)

Esse autor propôs que o domínio das habilidades de uso da língua seja a primeira etapa no ensino de Língua Portuguesa, a partir da reflexão linguística sobre a língua, que ele chamou de ANÁLISE LINGUÍSTICA. O conceito que esse termo expressa foi muito bem recebido e ainda hoje é utilizado pela BNCC (BRASIL, 2018). Trata-se de não abandonar totalmente o estudo da norma padrão da língua, mas de mudar a perspectiva desse estudo. É preciso reconhecer o fato de que a norma padrão se ocupa apenas de uma pequena porcentagem da língua – a escrita formal –, mas que a língua é um conjunto muito amplo de variedades que precisam ser estudadas, conhecidas e entendidas como fatos linguísticos decorrentes de determinadas situações de comunicação.

Essa proposta foi assumida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, PCN (BRASIL, 1998) e atualmente pela BNCC (BRASIL, 2018). Mais especificamente sobre o estudo da norma padrão, este último documento afirma:

Cabe ressaltar, reiterando o movimento metodológico de documentos curriculares anteriores, que estudos de natureza teórica e metalinguística – sobre a língua, sobre a literatura, sobre a norma padrão e outras variedades da língua – não devem nesse nível de ensino ser tomados como um fim em si mesmo, devendo estar envolvidos em práticas de reflexão que permitam aos estudantes ampliarem suas capacidades de uso da língua/linguagens (em leitura e em produção) em práticas situadas de linguagem (BRASIL, 2018, p. 139).

As grandes questões para o ensino, portanto, são:

a) Que conteúdos da gramática tradicional realmente interessam para que o aluno possa “dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados, percebendo as diferenças entre uma forma de expressão e outra” (GERALDI, 1984, p. 47)?

b) Como desenvolver atividades nessa perspectiva, que Geraldi (1984) denominou de “análise linguística”?

O exposto nesta disciplina nos permite concluir que, ao pensarmos na gramática normativa no ensino, temos de selecionar seu conteúdo na seguinte prioridade:

1) regras da norma padrão que se encontram em variação sociolinguística com formas da língua falada coloquial, como concordância verbal e nominal, regência, colocação pronominal, que precisam ser consideradas à luz dos conhecimentos da variação sociolinguística do Português, visando a um aumento do repertório linguístico dos alunos pelo domínio de formas linguísticas da norma padrão. Essas regras precisam ser consideradas à luz das diferenças entre norma padrão e variantes populares;

2) regras da norma padrão que são decorrentes da escrita, como pontuação, crase, ortografia. Essas precisam ser consideradas à luz das diferenças entre fala e escrita;

3) prática de análise sintática, que precisa ser considerada pela possibilidade de levar o aluno a um conhecimento teórico-científico da língua, importante para sua formação cultural geral, para o desenvolvimento de seus processos mentais e também para o estudo de línguas estrangeiras. Essa prática, em geral, não se relaciona com variação linguística e deve ser realizada nos anos finais de escolaridade.

Defende-se que a norma padrão deve ser estudada, especialmente porque é condição necessária para a conquista de níveis mais altos de escolaridade, melhores oportunidades de empregos, aprovações em concursos, relacionamentos sociais. No entanto, para que esse ensino, a partir da análise linguística, seja bem sucedido é preciso:

- Conhecer a situação linguística dos alunos.
- Entender os fatos linguísticos de uma perspectiva sociolinguística (ou descritiva), sem preconceito linguístico.
- Procurar entender as regras das variantes linguísticas, sua gramática, sua lógica, seu funcionamento na dinâmica social: motivação, apreciação, situações de uso.
- Promover análise linguística em sala de aula para sempre deixar claro que a variação linguística é um fato da língua; que as diferentes situações de comunicação exigem adequação linguística; que a língua falada não é pior nem melhor que a língua escrita. Apenas é diferente.

Para saber mais sobre esse tema:

Leia:

DUARTE, Maria Eugênia L. Sobre o ensino da gramática nos níveis Fundamental e Médio: por que, quando e como? Matraca, Rio de Janeiro, v.19 n.30, p. 41-60, jan./jun. 2012. Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraca/article/view/22620/16163>

4.2 Gramática: história, epistemologia e ensino

O linguista Francisco Eduardo Vieira, da Universidade Federal da Paraíba, é um grande pesquisador do tema “Gramática tradicional e ensino”. Ele realizou uma bela conferência no último Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), em 19/06/2020, como o título Gramática: História, Epistemologia e Ensino. A conferência encontra-se disponível em:

Gramática: História, Epistemologia e Ensino

<https://youtu.be/m6nQm3Zceq8>

A sugestão é para você assistir a essa conferência. Para melhor compreensão do tema, seguem tópicos esquematizando as ideias principais da conferência. Lembre-se de que a posição desse linguista é também a dos linguistas que estudam o tema “Norma padrão e ensino de Língua Portuguesa” desde os anos 1980. Você vai constatar que, muito do que o autor expõe, você estudou nesta disciplina.

Assim o autor desenvolve sua exposição:

Gramática tradicional – termo usado em vários sentidos: livro, conteúdo, metodologia de ensino, doutrina, concepção teórica, disciplina, gênero textual

2 eixos (dimensões):

- 1) norma padrão: escrita e fala corretas; regras gramaticais.
- 2) análise metalinguística (classificações e terminologias); aparato terminológico e conceitual; técnicas de descrição morfossintática a partir da terminologia estabelecida pela Nomenclatura Gramatical Brasileira – NGB, de 1959. Esse documento não apresenta definições,

apenas uma lista de termos. Os gramáticos foram desenvolvendo as definições, por isso elas variam um pouco de uma gramática para outra.

3 aspectos da natureza da gramática tradicional:

- 1) Caráter pedagógico e normativo
- 2) Limitações e incongruências terminológicas e gramaticais
- 3) Diversidade de modelos ao longo do tempo (gramática greco-latina, de natureza filosófica; gramáticas dos séculos XVI a XIX, de natureza racionalista; gramáticas brasileiras anteriores à NGB e gramáticas brasileiras posteriores à NGB)

A **gramática tradicional** **dever ser compreendida como uma teoria linguística** (18:20 do vídeo): tese defendida pelo autor; isso não foi defendido por outros autores.

Apesar das diferenças ao longo dos séculos, todas as gramáticas tradicionais obedecem às mesmas diretrizes epistemológicas (axiomas, afirmações consideradas como verdadeiras e básicas para determinada teoria). **A gramática tradicional:**

1. Busca configurar e ensinar um padrão linguístico idealizado
2. Considera a língua invariável e imutável
3. Privilegia a escrita literária do passado
4. Usa aparato categorial e conceitual da filosofia grega e da gramática greco-latina, fazendo adaptações às línguas modernas
5. Tem a oração como unidade máxima de análise.

A NORMA PADRÃO TEM QUE SER ENSINADA, mas é preciso promover um **DESLOCAMENTO EPISTEMOLÓGICO** da norma padrão, reconhecendo outras esferas de uso da língua contemporânea e a variedade e variação da norma brasileira.

Norma brasileira de referência atual: esfera jornalística, acadêmica, técnico-científica.

Oração é unidade máxima de análise: apesar das críticas à gramática tradicional, as teorias linguísticas usam as categorias das classes de palavras e de análise da oração, como: verbo, nome, conjunção, sujeito, objeto, adjunto adverbial...

A oração é uma categoria que pode ser utilizada nas aulas de Língua Portuguesa, mas sem perder de vista que é uma categoria descontextualizada. Então, não serve para todos os propósitos do ensino da língua. Não é inútil, mas não é tudo.

Sobre ensino de leitura e de produção escrita e gramática, transcrição literal do trecho do vídeo entre 1:19:22 a 1:20:32:

[...] o papel da escola é ensinar ler e escrever, e não é por meio de análises estruturais que a gente vai ensinar a ler e escrever, porém a oração e o período, como vocês estão vendo aqui, independentemente de que tradição de pesquisa em termos terminológicos e discursivos também configuram unidades linguísticas de abordagem pedagógica necessária, principalmente quando levamos em conta as demandas do ensino da escrita. As críticas aos problemas, as críticas às insuficiências do quadro analítico em que opera hoje a gramática tradicional no Brasil (eu tô me referindo à NGB) foram e são extremamente necessárias, porém muitas vezes isso fez com que deixássemos de desenvolver na escola o que a gente pode chamar de competência morfossintática dos alunos. Em vez de buscarmos novos modos de trabalhar a gramática, optamos pelo abandono da gramática. Dessa ausência, resultam várias dificuldades de escrita, facilmente evitáveis com a consciência gramatical razoavelmente desenvolvida.

O que fazer? Transcrição literal do trecho do vídeo entre 1:24:12 a 1:24:38:

Os estudos da oração e do arcabouço metalinguístico que a explicam não podem ser negligenciados na educação básica ou na educação superior, tampouco serem relegados a uma posição subsidiária para atender aos egos interativos do discurso antigramática, discurso esse que deve ser revisitado – é assim que pensamos – nas reflexões a serem feitas hoje sobre o ensino de línguas no Brasil.

O autor conclui:

Dá para “enxugar” a terminologia ao máximo na sala de aula.

É preciso articular as regras da gramática tradicional que realmente interessam para a leitura e a escrita com os seguintes conhecimentos advindos da Linguística Moderna:

1. A língua varia na fala e na escrita.
2. A Gramática Tradicional apresenta (ou pelo menos tenta apresentar) uma única norma padrão de referência.
3. A norma padrão também varia, de acordo com as várias gramáticas (lembrar que elas foram escritas com base em textos literários de épocas diferentes) e de acordo com as várias esferas contemporâneas de uso da escrita formal.

4.3 Algumas sugestões de exercícios

Exercícios que fazem o contraste entre a língua que se fala (que é a que os alunos conhecem bem) e a língua que se escreve (baseada na norma padrão, que os alunos não conhecem bem) são sempre interessantes para a análise de fenômenos linguísticos em variação.

Pode-se trabalhar com quadros para tópicos em variação, como os sugeridos a seguir.

Variação fonológica no português brasileiro		
<i>A língua que se fala</i>	<i>A língua que se escreve, de acordo com a gramática normativa</i>	<i>Qual é o fato/fenômeno linguístico em variação nestes exemplos?</i>
Minino Eli foi imbora. Ela istá na classi.	Menino Ele foi embora. Ela está na classe.	Som /e/ na escrita → /i/ na fala
Está acostumadu. Moru pertu du bancu.		
Três moedas de oro. Uma bolsa de coro.		
Põe os livros na caixa.		
Não gosto de pexe. Dexa em cima da mesa.		
Ela foi faze café. O home chego.		
Meu fio trabaia muito. Oia isso.		
Abobra Arvri Cosca		

Obs.: Essas não são as únicas variações fonéticas do português do Brasil. Pense em outras; amplie o quadro.

Exemplos de alguns fenômenos morfológicos em variação no português do Brasil: foco nos tempos e nas pessoas verbais.

<i>A língua que se escreve, de acordo com a gramática normativa</i>	<i>A língua que se fala. Pode haver mais de uma forma. Comente sobre a aceitação social dessas formas.</i>
Nós vamos.	Nóis vamo. Nóis vamu. Nóis vai. → <i>essa é a mais desvalorizada socialmente.</i> A gente vamos. A gente vai. → <i>esta é a forma mais aceita socialmente; pessoas escolarizadas a usam na fala.</i>
Eles estudam.	
Eu viajarei amanhã cedo.	
Nós voltaremos no sábado.	
Eles comprariam um carro se tivessem dinheiro.	
Marcela falou-me longamente de si, da vida que levava.	
Vendera tudo.	
Um homem que a amara outrora, e lhe morreu nos braços, deixara-lhe aquela loja	

O quadro pode ser proposto para a reflexão no sentido contrário: das variantes populares para a norma padrão, como em:

<i>A língua que se escreve, de acordo com a gramática normativa</i>	<i>A língua que se fala. Pode haver mais de uma forma. Comente sobre a aceitação social dessas formas.</i>
	Nóis vamo. Nóis vamu. Nóis vai. A gente vamos. A gente vai.
	Eles estuda. A turma / o pessoal estuda.
	Eu vou viajar amanhã cedo. Eu viajo amanhã cedo.
	Nós vai voltar no sábado. Nós volta no sábado. A gente vai voltar no sábado. A gente vamos voltar no sábado.

Exemplos de alguns fenômenos morfológicos em variação no português do Brasil: foco nos pronomes oblíquos.

<i>A língua que se escreve, de acordo com a gramática normativa</i>	<i>A língua que se fala. Comente sobre a aceitação social dessas formas.</i>
<p>Pedro descascou as bananas e eu as comi.</p> <p>Há quanto tempo você conhece a Maria? Eu a conheço há muitos anos.</p> <p>O José? Eu o acho simpático.</p> <p>O Samu foi até o local, prestou socorro à vítima e a encaminhou ao Pronto Socorro.</p> <p>A porta está aberta. Feche-a.</p>	
<p>Você desobedeceu. Eu lhe disse para ficar aqui.</p> <p>Respeitem seus avós. Não lhes respondam mal.</p> <p>José encontrou João e apertou-lhe as mãos.</p>	
<p>Professora, ele me bateu.</p>	
<p>José passeia com seu cachorro todos os dias.</p>	
<p>Falou-me do tempo, que ajudou a moléstia, adiantando-lhe a decadência.</p>	
<p>[...] um homem que a amara outrora, e lhe morreu nos braços.</p>	
<p>Em seguida pediu-me que lhe contasse a minha vida. Gastei pouco tempo em dizer-lha.</p>	

Exercício de uso da fala formal, para alunos dos anos finais: atividade teatral encenando situações formais como: apresentação para solicitação de emprego; conversa com alguma autoridade para reivindicação de algo para os alunos ou para algum outro grupo de pessoas.

Exercícios com trechos de textos literários mais antigos – os de textos de Machado de Assis são ótimos para refletir sobre como a língua mudou. Pode-se focar em aspectos como sujeito oculto, pronomes oblíquos, uso de tu e vós, palavras e expressões que não se usam mais, frases com palavras em ordem diferente da que usamos atualmente. A tarefa consiste em os alunos reescreverem esses trechos com uma linguagem atual.

Para saber mais e conhecer o trabalho que uma professora realizou em sala de aula, a partir da proposta da linguista Miriam Lemle:

Leia:

DO AMARAL, T. T. B. Da pesquisa à sala de aula: aplicação prática da heterogeneidade dialetal no ensino de Língua Portuguesa a partir da proposta de Miriam Lemle em Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. **Letrônica**, v. 3, n. 1, p. 97-106, 2010. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/6972>

4.4 Síntese da Unidade

Nesta Unidade, você estudou que:

- A variação linguística precisa ser estudada nas aulas de Língua Portuguesa.
- Essa variação tem duas faces: a das variantes populares da língua falada e a da norma padrão, usada na fala formal e na escrita.
- Os alunos precisam dominar a norma padrão para ampliarem seu repertório linguístico e suas possibilidades de atuação social.
- Existe uma distância entre a norma padrão prescrita pela gramática tradicional e as variantes da fala coloquial. É preciso “construir pontes” para que os alunos possam transitar das variantes populares para a norma padrão.
- O ensino da norma padrão sem vínculo com a realidade linguística do cotidiano resulta em fracasso já muito observado no ensino de língua portuguesa.
- A “ponte” para esse objetivo de ensino é a prática de análise linguística, proposta pela primeira vez pelo linguista João Wanderley Geraldi, em Geraldi (1984).

- A BNCC (BRASIL, 2018) reitera essa proposta.

4.5 Para saber mais

Para se aprofundar no tema desta Unidade, consulte a bibliografia a seguir.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC; SEB, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

BORTONI-RICARDO, Stella M. **Educação em Língua Materna**: a sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

CASTILHO, Ataliba T. de. Variação lingüística, norma culta e ensino da língua materna. In: **Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa par o 1o e 2o graus – Coletânea de textos**, vol. I. São Paulo: SEE-SP/CENP, 1988.

CYRANKA, Lucia F. M. A pedagogia da variação linguística é possível? In: ZILLES, Ana M. S.; FARACO, Carlos A. (org.). **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola, 2015. p. 31-52.

DUARTE, Maria Eugênia L. Sobre o ensino da gramática nos níveis fundamental e médio: por que, quando e como? **Matraga**, Rio de Janeiro, v.19 n.30, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22620/16163>

FARACO, Carlos A. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, Ana M. S.; FARACO, Carlos A. (org.). **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola, 2015. p. 19-30.

FRANCHI, Carlos. Criatividade e gramática. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**. n. 9, p. 5-45. Campinas, IEL/UNICAMP, 1987. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639037/6633>.

GERALDI, João W. Concepções de linguagem e ensino de Português. In: GERALDI, João W.

(org.). **O texto na sala de aula: leitura & produção**. 2. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984. p. 41-48.

MATTOS e SILVA, Rosa V. **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

TARALLO, Fernando. (org.) **Fotografias Sociolingüísticas**. Campinas: Pontes/Unicamp, 1989, p. 113-139.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1o. e 2o. graus**. São Paulo: Cortez, 1996.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática ensino plural**. São Paulo: Cortez, 2003.

VELOSO, João. Ana Maria Stahl Zilles, Carlos Alberto Faraco. Pedagogia da variação linguística. **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto** - Vol. 12 - 2017 - 247-255. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/EL/article/view/3440/3147>

Obs.: Este texto é uma resenha do livro de Zilles e Faraco (2017) e foi escrita por um professor português. Além do conteúdo do livro que ele comenta, que interessa a esta disciplina, é curioso observar algumas características da Língua Portuguesa de Portugal. A variação entre o Português do Brasil e o Português de Portugal também é um aspecto sociolinguístico que interessa ao ensino da Língua Portuguesa.

UNITAU

digital

ISBN: 978-65-86914-60-3

CD



9 786586 914603